



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**  
**INSTITUTO DE ARTES – IDA**  
**DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS - CEN**

**A INSERÇÃO DA DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO NO CEPI - ROSA DO CERRADO**

**ROBERTO LACERDA DE SÁ**

**Brasília**

**2022**

**ROBERTO LACERDA DE SÁ**

**A INSERÇÃO DA DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO NO CEPI- ROSA DO CERRADO**

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Licenciatura em Artes Cênicas  
apresentado ao Departamento de Artes  
Cênicas do Instituto de Artes da  
Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Soraia M. Silva.

**Brasília**

**2022**

**ROBERTO LACERDA DE SÁ**

**A INSERÇÃO DA DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO NO CEPI- ROSA DO CERRADO**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Universidade de Brasília - UnB,  
como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Artes Cênicas.

**Banca examinadora:**

---

Professora Dr.<sup>a</sup> Soraia Maria Silva - IdA/ CEN/ UnB  
Orientadora

---

Professor Dr. Tiago Elias Mundim – IdA/ CEN/ UnB  
Examinador

---

Professora Dr.<sup>a</sup> Bianca Cristine Gomide Costa  
Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB)  
Examinadora

## AGRADECIMENTOS

Se eu pudesse escolher uma palavra para descrever o que sinto agora, seria gratidão.

Agradeço imensamente:

À minha madrinha Márcia, que sempre foi atenciosa e apoiadora do meu fazer artístico dentro do universo da dança.

Ao meu pai, Vicente, com a sua energia leve me trouxe carinho e amor quando mais precisei. E à Shirley, minha irmã querida, pelas nossas conversas e abraços.

Ao meu príncipe e amor, Raphael, pela constante ajuda e parceria, sempre muito presente, paciente e carinhoso. Obrigado por não desistir de mim e segurar a minha mão enquanto eu trilho meus sonhos.

À diretora Kédma, da creche Rosa do Cerrado, que supervisionou o meu estágio, proporcionando uma nova experiência e sempre me dando total apoio escolar.

À minha amiga Helena, que durante a minha trajetória acadêmica, me deu uma base para morar, uma amizade que eu podia contar e muito amor.

À minha mestre Noara, da Escola de Dança Noara Beltrami, por me ensinar a dançar *ballet* clássico e proporcionar momentos inesquecíveis no Corpo de Baile.

Aos meus queridos alunos da creche Rosa do Cerrado por me ensinar a brincar, dançar e pelas trocas de afetos.

À minha orientadora Soraia Silva, que mesmo vivendo em plena pandemia, não deixou de me dar total atenção, sempre muito carinhosa em suas palavras.

Por fim, não menos importante, preciso enaltecer a importância que a Universidade de Brasília (UnB) tem em minha vida. Desde o começo, proporcionou momentos artísticos inesquecíveis, aulas com professores que agregaram conhecimentos e valores ao meu currículo. Levo em minha memória os encontros com artistas e mestres do departamento.

A todos, muito obrigado!

“Se uma criança não pode aprender da maneira que é ensinada, é melhor ensiná-la da maneira que ela pode aprender”.

Marion Welchmann.

## RESUMO

A dança é uma linguagem artística que envolve o uso do corpo de várias maneiras para se comunicar e se expressar. Tendo vivências com essa forma de arte desde a adolescência até a vida profissional, a experiência como arte-educador instigou esse que vos escreve a discutir a inserção dessa modalidade na educação infantil, observando espaço, movimento e criança. Para isso, foram pesquisados projetos de dança em escolas públicas de Brasília e professores que buscavam essa inclusão para o dia a dia dos alunos do ensino público. É destacado aqui o projeto idealizado pela professora Rafaela Eleutério, dentro do modelo de ensino criado por Anísio Teixeira na Escola Parque Ceilândia-DF. Buscou-se também compreender a relação da dança com os objetivos de ensino da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Currículo em Movimento do Distrito Federal e contextualizar os elementos básicos da dança categorizados por Rudolf Laban. Ainda são trazidas experiências vividas em estágio curricular no Centro de Educação da Primeira Infância (CEPI) – Rosa do Cerrado, relacionando todos os conceitos propostos. Foi visto que a dança no contexto educacional infantil deve ser compreendida como um campo de interesse que tem seus próprios princípios e aprofundamentos. Entende-se que o estudo do movimento quando direcionado a um projeto pedagógico incluindo a criança como protagonista, em todas suas faces e realidades, alcança benefícios físicos, psicomotores, sociais e culturais, permitindo aos alunos a percepção de si, do outro e do mundo.

**Palavras-chaves:** Espaço. Movimento. Dança. Criança. Educação. Laban.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotografia de Slade (1978, p. 62) capturando a dança improvisada tendo como tema o “nascimento de uma árvore”.....	26
Figura 2 - Diagrama de Cone & Cone (2015, p. 5) ilustrando a dança como disciplina independente e, ao mesmo tempo, um movimento e uma forma de arte. ....	27
Figura 3 - Desenho do esqueleto ósseo apresentado por Andrade & Godoy (2018, p. 91).....	32
Figura 4 - Fotografia de alunos representando uma escultura em três níveis, baixo, médio e alto. (Cone & Cone, 2015, p. 25). ....	34
Figura 5 - Organograma de Andrade e Godoy (2018, p. 106) demonstrando as relações entre a criança com o espaço/ambiente/objetos.....	34
Figura 6 - Fotografia de uma dupla representando uma figura estática espelhada (Cone & Cone, 2015, p. 30).....	38

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1 - ESPAÇO - ESCOLA PARQUE - ANÍSIO TEIXEIRA</b> .....	<b>11</b>
1.1 O espaço público .....	11
1.2 Anísio Teixeira – Escola Parque – Rafaela Eleutério .....	14
<b>CAPÍTULO 2 – COMPREENDENDO A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA DANÇA PARA CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> .....	<b>18</b>
2.1 Relacionando a Base Nacional Comum Curricular e o Currículo em Movimento do Distrito Federal com a dança. ....	18
2.2 Por que ensinar dança para a criança? .....	23
2.3 Elementos básicos de dança com as crianças.....	30
2.3.1 <i>Corpo</i> .....	31
2.3.2 <i>Espaço</i> .....	33
2.3.3 <i>Tempo</i> .....	35
2.3.4 <i>Peso</i> .....	36
2.3.5 <i>Relacionamentos</i> .....	36
<b>CAPÍTULO 3. A EXPERIÊNCIA EM CAMPO DE ESTÁGIO: CENTRO DE EDUCAÇÃO DA PRIMEIRA INFÂNCIA (CEPI) - ROSA DO CERRADO</b> .....	<b>39</b>
3.1 Centro de Educação da Primeira Infância (CEPI) - Rosa Do Cerrado.....	39
3.2 A relação entre o espaço e a dança.....	41
3.3 A roda de conversa .....	43
3.4 Que crianças são essas?.....	44
3.5 Minha relação com as crianças e a dança .....	46
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

Sou Roberto Sá, estudante de Artes Cênicas na Universidade de Brasília (UnB), moro com meu pai, na cidade de Samambaia (Distrito Federal). Atualmente estudo *ballet* clássico e contemporâneo e, desde 2016, sou bailarino da Escola de Dança Noara Beltrami, localizada em Taguatinga. Nas horas vagas, sou atleta de um time de queimada (um jogo de rua), em Ceilândia.

Até os dias de hoje não tinha contato com uma creche, nem mesmo quando criança, nessa época a vizinha era a pessoa que cuidava de mim para que minha mãe pudesse trabalhar. Minha primeira vivência escolar foi aos seis anos de idade no CAIC Ayrton Senna, em Samambaia Sul – Distrito Federal. A relação com a dança surgiu somente no ensino médio, nas festas juninas dentro e fora da escola. Nesse tempo, costumava colocar o DVD na sala e dançar livremente. Meus pais nunca tiveram condições de pagar uma aula de dança para que eu pudesse praticar a técnica de alguma modalidade.

Hoje sou um profissional da dança por conta da minha formação no *ballet* e das experiências das aulas de movimento na UnB. Os estágios remunerados em dança agregaram positivamente aos meus conhecimentos na área e fomentaram novos olhares para a educação infantil, que até então não tinha nenhuma vivência. Minha história de vida está interligada intimamente à dança, mas a falta da linguagem da dança de quando eu tinha entre um e seis anos de idade me gerou uma incógnita. Para preencher esse vazio, surgiram em mim curiosidades em saber mais sobre a importância que o corpo tem dentro da perspectiva da dança no ensino infantil. O que estou tentando dizer é sobre a criança e seus encontros com a dança. Que corpo e que criança é essa? Qual estado desse corpo e o que eles dançam? Isso é, a dança como um processo da arte na pré-escola.

Por meio desses questionamentos, me veio a inquietação de saber de que maneira eu poderia abordar esse tema, de modo que eu pudesse esclarecer alguns pontos e refletir sobre a inserção da dança nas creches públicas. Então, primeiramente parti para essa caminhada acessando memórias de quando eu estudava no ensino médio e lembrei o quanto as artes em geral, mais especificamente a dança, são tratadas como matérias não tão importantes iguais as outras. A dança somente vista como uma metodologia dentro das artes acaba perdendo a importância que se tem de estudar as suas especificidades e seus desdobramentos.

Por isso, constantemente nos deparamos com a dança nas escolas somente em datas comemorativas e em apresentações de alunos, que muitas vezes nem quiseram estar ali, apenas por conta de que a participação na apresentação coreografada contaria pontos para o seu boletim escolar.

Diante dessa problemática, senti a necessidade de pesquisar projetos de dança em escolas públicas de Brasília e professores que buscavam incluir essa área no dia a dia dos alunos do ensino público. Surpreendentemente, encontrei um projeto de dança na escola parque de Ceilândia para alunos do ensino fundamental, idealizado pela professora Rafaela Eleutério, que somente conheci através da leitura da sua dissertação de mestrado em Artes.

Portanto, vi a necessidade de destacar no primeiro capítulo desse trabalho a escola pública como um espaço integral de ensino e de experiências para os alunos. Anísio Teixeira, fundador das escolas parques, ganha uma atenção nesse capítulo, pois se manteve em nossas memórias com seu plano de construção de um novo modelo de escola e de ensino integral, trazendo novos caminhos de ensino para a população brasiliense. Agradeço imensamente à Rafaela Eleutério por seus registros e sua inquietação de incluir efetivamente a dança dentro do ensino público, com novas perspectivas para o mesmo nesse espaço, visto por muitos como um ensino falho.

A partir da minha caminhada com a dança, reafirmo a importância de identificá-la como uma área específica de seus próprios conhecimentos e como um direito que a criança tem de aprender por meio dessa linguagem no ensino público. Percebo o quão desafiador e intrigante é o estudo do movimento, trazendo experiências corporais e expressões que a dança pode proporcionar na vida de uma criança. Não é sobre aprender técnicas e coreografias para apresentar a um determinado público, mas sim conhecer novos caminhos, para entender de si, o outro e a natureza.

Para organizar as minhas ideias, o segundo capítulo deste trabalho foi organizado em dois tópicos. O primeiro traz qual o relacionamento que a dança tem com os fundamentos dos documentos mais atuais acerca da educação infantil no Brasil: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo em Movimento do Distrito Federal. Ambos os documentos, trazem propostas pedagógicas, identificando a importância que a área da dança tem na vida das crianças. O segundo tópico é sobre o porquê de ensinar dança para crianças. Para

contextualizar, os estudos de Rudolf Laban foram essenciais para minha escrita, assim como foi importante à minha caminhada acadêmica. Sempre estiveram presentes suas ideias sobre o estudo do movimento, por isso é o autor fundamental para esse capítulo.

O capítulo terceiro apresenta ferramentas e dispositivos a serem utilizados como propostas para o ensino de dança na educação infantil do Distrito Federal. Além de Rudolf Laban, acrescento os autores Theresa Purcell Cone e Stephen L., assim como Carolina Andrade & Káthya Godoy que foram cirúrgicos para o entendimento desse tema. Vale ressaltar que não é criada por mim uma metodologia de dança, pois não é o foco deste trabalho, mas são trazidos os elementos básicos do movimento que possam proporcionar desenvolvimento e aprendizagem corporal para as crianças que estão na pré-escola – corpo, espaço, tempo, peso e relacionamentos. Dessa maneira, podemos entender a função de cada um, mesmo sabendo que todos são interligados.

O capítulo quatro é dedicado aos registros da experiência que tive no estágio supervisionado em uma creche pública. O meu papel era de observar, estudar as práticas pedagógicas e me interagir com todos (as crianças, o corpo docente, a direção, a nutricionista, os profissionais da limpeza e a família das crianças). Trago nesse capítulo algumas análises e percepções sobre a inclusão da dança na creche, assim como as relações entre os pais, professores e alunos.

É importante ressaltar que utilizo ao longo do trabalho as palavras Espaço-Movimento - Criança, como laços que não se soltam, pois identifico que essas palavras criam uma conexão e uma ponte que está constantemente em interação com a criança no espaço se movimentando. É o que defendo a seguir em meu trabalho.

## CAPÍTULO 1 - ESPAÇO - ESCOLA PARQUE - ANÍSIO TEIXEIRA

### 1.1 O espaço público

*Toda criança do mundo  
Deve ser bem protegida  
Contra os rigores do tempo  
Contra os rigores da vida.*

*Criança tem que ter nome  
Criança tem que ter lar  
Ter saúde e não ter fome  
Ter segurança e estudar.*

*Não é questão de querer  
Nem questão de concordar  
Os direitos das crianças  
Todos têm de respeitar.*

*Ruth Rocha*

O poema de Ruth Rocha me encoraja a passear pelos meus pensamentos e questionamentos trazidos ao longo desse trabalho. Como arte-educador estou descobrindo o que me afeta e me conduz dentro desse tema tão grandioso. Um dos assuntos principais das discussões e observações dessa pesquisa é as crianças e os espaços públicos. Espaços que me deram oportunidades de “mergulhar” na área das artes. Acredito com vigor nesse espaço transformador. Leite, Freire & Carvalho (2021, p. 7) citam que:

Para que uma criança seja sujeito de sua própria história, é necessário muito mais que um espaço limpo, seguro e acolhedor; é necessário um espaço estimulador, desafiador, pensado e organizado de maneira significativa.

Ou seja, precisa ser um espaço de conhecimento, saberes e práticas educativas, mas que deve ir além dos muros, refletindo nas relações sociais e seu contexto. Tenho muito afeto pelo espaço público porque sempre estudei em escola pública, desde o ensino fundamental ao superior. É importante salientar que as elas possuem um papel importante de democratizar a estrutura educacional. Segundo Eleutério (2018, p. 56): “Numa perspectiva de educação crítica, direcionada para uma pedagogia social que privilegia uma educação de classe no rumo de um novo projeto de sociedade, a escola pública possui papel relevante e indispensável”.

Portanto, é legítimo dizer que a escola pública é o lugar que dá oportunidade aos alunos refletirem e debaterem sobre diversos temas sociais.

Enquanto arte-educadores é necessário entendermos que somos mediadores dentro do espaço escolar, reconhecendo que os alunos possuem o protagonismo de suas próprias histórias. Ou seja, é necessário ampliar as habilidades que ajudam na transformação em seres ativos e criativos. Porém, é importante ressaltar que o espaço público escolar, este que proporciona autonomia de pensar e agir com alunos ativos e protagonistas de sua trajetória, nem sempre foi e será assim, principalmente nas aulas de artes, como destaca o trecho abaixo:

[...] partindo da pedagogia tradicional nas aulas de artes que começou no século XIX no Brasil, cujo foco era na técnica e reprodução, o professor era detentor máximo de conhecimento (Eleutério, 2018, p. 24).

Nos anos 70, com a Lei Federal nº 5.692 - Diretrizes e Bases da Educação, estabeleceu-se uma educação profissionalizante, preparando crianças e jovens para o mercado de trabalho, por isso tanta técnica e produção. Nessa mesma época foram incluídas as artes no currículo educacional. A matéria de artes era a única que tinha espaço para trabalhar a criatividade, mas naquela época o professor não tinha uma formação completa para mergulhar nas profundidades e inquietações que a arte provoca (Barbosa, 1989).

Barbosa (1989) afirma que outrora não havia cursos de arte-educação nas universidades, somente cursos para preparar professores de desenho, especialmente desenho geométrico. Ao mesmo tempo, me sinto contemplado com esse trecho que autora descreve:

O professor tem sua cópia e segue os exercícios propostos pelo livro didático com as crianças. Este é o caso de 74,5% dos professores entrevistados por Heloísa Ferraz e Idméa Siqueira. Visitas a exposições são raras e em geral pobremente preparadas. A viagem de ônibus é mais significativa para as crianças do que a apreciação das obras de arte (Barbosa, 1989, p. 172).

Passeando pelas minhas memórias, hoje entendo que na minha experiência do ensino médio (2009), os professores de artes me faziam perceber que em seus processos de ensinar o modelo seguido era mais voltado ao tradicional e profissionalizante. Lembro-me de copiar e reproduzir as técnicas de desenho

passadas no quadro, e quando não estávamos fazendo isso, o foco era estudar temas para passar no vestibular.

Sabemos que ainda existem escolas e professores tradicionais, que focam na produção. As crianças vítimas desse modelo de ensino padronizado pela sociedade acabam se tornando “apostas” para o mercado de trabalho devido a uma “educação bancária”, onde somente se deposita, transmite e transfere conhecimentos sem se importar com a experiência do aluno. Leite, Freire & Carvalho (2021, p. 3) afirmam que “a educação bancária deve ser superada, assim, na Educação Infantil, a superação ocorre com a percepção da consciência da criança como sujeito de direitos, [...] desde a mais tenra idade, porque a criança é sujeito hoje, cidadã hoje”.

Entendendo que a criança é um sujeito importante nessa sociedade, podemos dizer que a educação é o futuro das crianças e que as crianças são o futuro da educação. Café (2018, p. 2) fala que a educação [...] acontece em cada gesto humano que se instala no mundo concreto, em circunstâncias diversas e originais [...] e que [...] É o sujeito, a pessoa humana que faz a educação existir por seus atos, que respondem a uma situação concreta”. Portanto, percebe-se que a educação também está no próprio processo de mudanças, assim como a sociedade. Todo dia é um dia, todo ano é um desafio novo na educação, nos processos da vivência escolar. Café (2018) traz que “todo processo educativo está calcado na relação entre pessoas: professor(a)-professor(a), professor(a)-aluno(a), aluno(a)-aluno(a), professor(a)-funcionário(a) e aluno(a)-funcionário(a)”. Para entender o processo de evolução, penso em alguns questionamentos: Que educação eu quero? Quais crianças são essas? Qual a escola que temos? Qual a escola que queremos? Como estou usando a arte dentro da escola? Café (2018, p. 4) também faz os mesmos questionamentos:

Diante dessas questões, não é demais reforçar, ou mesmo repetir, que o educador procura antes disso, manter em seu pensamento cotidiano as perguntas: Que aluno eu tenho? Como eu quero e posso contribuir na formação deste aluno? Que sociedade eu tenho? Que sociedade eu quero ajudar a construir?

Reconheço que atualmente o meu lugar é refletir, pesquisar e estudar sobre todos esses questionamentos e que ainda como pesquisador, tudo é novo para mim, portanto, algumas questões foram se esclarecendo durante as minhas observações

e anotações, regadas pelo estágio supervisionado na creche, que é relatado no Capítulo 3 deste trabalho.

A partir desse cenário apresentado sobre o espaço público-educação-arte, a seguir cito fatos importantes de Anísio Teixeira ao escrever um modelo de construção de educação e de escola em Brasília.

## **1.2 Anísio Teixeira – Escola Parque – Rafaela Eleutério**

Nesse subcapítulo, me apego ao marco histórico de mudanças na educação brasileira que Anísio Teixeira emplacou, sendo o pioneiro na implementação da escola pública em Brasília, defendendo o seu objetivo de transformação social e educação igualitária (Eleutério, 2018; Pereira; Coutinho; Rodrigues, 2018).

Conhecemos a famosa frase “50 anos em 5”, referente à meta do projeto de Kubitscheck - a construção de Brasília - com intuito de desenvolver no país o crescimento da indústria. No mesmo momento da construção de Brasília, percebeu-se que a educação era um dos pontos primordiais para o desenvolvimento social da capital. Logo, apareceu uma demanda por educação e escola, solicitada principalmente pelos funcionários do Planalto Central que viviam na cidade, como mostra o trecho a seguir:

[...] os operários que vieram construir Brasília tinham exigências relativamente pequenas quanto à educação. Grande número deles era de analfabetos, o que se verificou quando do enquadramento dos trabalhadores da NOVACAP. A grande maioria não tinha aspirações maiores de educação para si ou para seus familiares. [...] Já os funcionários transferidos exigiam educação de melhor qualidade para seus filhos. Não lhes era suficiente a alfabetização e o curso primário. Era-lhes necessário o ensino médio e de boa qualidade (DF 2001, p. 67, apud Souza, 2016, p. 44).

Junto a essa demanda de um novo plano educacional pedagógico, Anísio Teixeira pensou na estrutura física e social para o ensino, pois acreditava que o sistema educacional não conseguia acompanhar as mudanças que o mundo vivia naquele momento. Sobre esse alcance de mudança no sistema educacional das escolas, ele diz:

Com as necessidades da civilização moderna cada vez mais impõe obrigações a escola aumentando-lhes as atribuições e funções, o plano consiste – em cada nível de ensino desde o primário até o superior ou terciário, como hoje já se está a chamar – num conjunto de edifícios com

funções diversas e considerável variedade de forma e de objetivos, a fim de atender as necessidades específicas de ensino e de educação e, além disso, à necessidade de vida e convívio social (Teixeira, 1961, p. 95 apud Eleutério, 2018, p. 28).

Teixeira passou a almejar uma escola que preparasse seres pensantes e autônomos e que essa escola seria a pública. Sobre autoeducação ele diz: “é [...] o resultado de se assumir direta e integralmente a responsabilidade dos próprios atos e experiências, [...] porque só a própria pessoa educa” (Teixeira, 1975, p. 20 apud Encontro de História da Educação da Região Centro-Oeste, 2015). Assim, entende-se que o próprio aluno desenvolve meios de resolver seus problemas e desafios, baseando-se nas suas experiências de vida.

Então, surgiu a ideia de atuar com a educação integral, organizando o tempo da seguinte forma: durante certo período do dia, o aluno fica na escola regular e em outro momento o aluno tem outra vivência, na Escola Parque. Nesse segundo momento, o aluno tem a oportunidade de acessar oficinas de seu interesse, entre diversas áreas: esporte, lazer, artes e atividades que promovessem experiências e aprendizagem. Em consequência, o horário escolar que era de quatro horas, passou a ser de oito horas, dividido por atividades de estudo, artes e vivências sociais (Eleutério, 2018).

Sobre as atividades das oficinas ofertadas na Escola Parque, o professor tinha liberdade de escolher quais conteúdos e práticas, na área das artes, seriam aplicados aos alunos – teatro, dança, música, pintura, desenho, etc. (Eleutério, 2018).

O projeto de Anísio Teixeira de 1960 trouxe novas experiências e perspectivas para os professores das artes, criando-se um lugar de privilégios onde todos podiam escolher possibilidades de trabalhar o conhecimento e compartilhar vivências. Os professores e os alunos podiam tecer novos caminhos de saberes e desenvolver trabalhos e experimentações que ali se reverberavam.

Vale ressaltar que, embora Anísio Teixeira fosse um sucesso dentro do âmbito educacional, tiveram questões que não foram solucionadas ao longo do tempo. A Escola Parque foi ocupada em sua maioria por famílias que viviam no centro da cidade, portanto, não contempla a ideia de educação democrática que Teixeira tanto queria, pois outras crianças, filhos de operários, não tinham acesso à

escola por ser longe de suas residências (Eleutério, 2018; Pereira; Coutinho; Rodrigues, 2018).

Hoje em dia, existem outras escolas parques, que têm a mesma iniciativa e formato de ensino integral, fora do eixo central do Plano Piloto. Algumas regiões ao redor de Brasília, consideradas cidades-satélites, necessitam de novos espaços e projetos. Depois de quase cinquenta anos desde a criação das primeiras escolas parques, somente em 2014 foi inaugurada a Escola Parque de Ceilândia (Eleutério, 2018).

A Escola Parque de Ceilândia me chamou atenção pelos projetos de dança que são desenvolvidos com seus alunos: semana da dança, festas juninas e festivais de arte. É interessante que esses trabalhos, partem das vontades dos próprios alunos, experimentando outros caminhos de aprendizagem. Vejamos:

As oficinas envolvem um conjunto de ações articuladas fundadas na produção, na apreciação e na experiência estética [...] visa estimular os estudantes à iniciativa, responsabilidade e expressão. Nesse contexto o Intervalo Cultural apresenta-se como uma opção de realização de manifestações artísticas, resultantes do trabalho realizado em nossas oficinas (Escola Parque, 2015, p. 69 apud Eleutério, 2018, p. 56).

Embora esse trabalho seja desenvolvido no campo da dança dentro do contexto educacional para crianças de 1 a 4 anos, senti a necessidade de destacar a construção do novo modelo de ensino de Anísio Teixeira, que é suma importância no desenvolvimento de pesquisas, projetos e experiências na área da dança.

Aqui destaco então o projeto da professora Rafaela Eleutério, que foi realizado na Escola Parque de Ceilândia, em 2017. Surgiu a partir do seu desejo de inserir a dança no dia a dia de seus alunos, uma vez que a ausência dessa atividade era inquietante para a mesma enquanto educadora. Consistiu basicamente na realização de oficinas e atividades de dança dentro da escola citada. Para avaliar o desempenho de seu projeto, ela utilizou dos relatos de seus alunos onde compartilhavam suas vivências e percepções durante a relação com a dança vejamos:

[...] aluno Ked, de 14 anos: Porque quando eu começo a dançar eu consigo aliviar o que eu tô sentindo [...] então, às vezes pra me relaxar é só dançando que eu consigo liberar. Também Camila, 15 anos: Não quero deixar nunca a dança... eu sou uma pessoa que já sofri muito bullying, muita exclusão social... pela dança eu consigo me libertar, me expressar. E Gabriela, 16 anos diz que: Quando eu danço, eu tô tipo, se eu tô com raiva,

eu esqueço, se eu tô feliz eu me expresso. Sei lá... eu gosto de dançar...é algo único. (Eleutério, 2018, p. 68).

O trecho acima descreve as descobertas de como lidar com os problemas que surgem dentro e fora da escola, além do conhecimento de novas formas de se expressar com o corpo pela dança. Reitero que esse projeto tem um papel importante na Escola Parque, pois promove novos saberes dentro do convívio social, entendendo e respeitando a si e o outro.

Professores de dança que criam projetos dentro do espaço da educação pública proporcionando aprendizagem incentivam os alunos a usarem suas ideias e experiências de vida e a se entenderem como pessoas com papéis importantes na sociedade, ultrapassando barreiras do pensamento de que a educação pública não é válida ou atrasada. Vale ressaltar que a vontade de dançar tem se perdido, pois vivemos em uma sociedade sobrecarregada de trabalho e obrigações do dia a dia, tornando quase impossível encontrar algum esforço para se alimentar da dança. Laban (1990, p.24) diz que: “A dança é uma atividade onde o nascimento e o florescimento espontâneo dos esforços são preservados até a idade adulta e, realmente, quando são alimentados adequadamente, durante toda a vida”. Daí a importância do projeto de Rafaela Eleutério, que desperta a vontade de dançar e instiga os alunos a aprofundarem nas maravilhas benéficas que o estudo em movimento tem.

Ao ler os registros das entrevistas desses alunos, me instigou saber quais os benefícios que a dança pode promover na vida das crianças e como criar um ambiente de ensino para a dança e o brincar. Então, a partir dos olhares das experiências citadas por Rafaela Eleutério, somados à vontade de ser um futuro arte-educador pedagogo, será possível no próximo capítulo me aproximar do foco principal desse trabalho: a importância da inserção da dança na educação Infantil.

Os próximos tópicos se desenvolvem a partir dos elementos estruturantes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Currículo em Movimento do Distrito Federal, referências principais dessa pesquisa.

## **CAPÍTULO 2 – COMPREENDENDO A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA DANÇA PARA CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

### **2.1 Relacionando a Base Nacional Comum Curricular e o Currículo em Movimento do Distrito Federal com a dança.**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento oficial para ser usado na educação escolar de todos os estados, incluindo o Distrito Federal. Nesse documento, é explicado e detalhado de forma organizada as aprendizagens fundamentais para o desenvolvimento dos alunos em toda a sua vivência escolar, ou seja, de todas as etapas da educação básica. Ele dá orientação para a criação de temas educacionais e das propostas pedagógicas (Brasil, 2018).

A BNCC cita que o aluno é assegurado por **competências**, que vão garantir o seu direito na aprendizagem teórica e prática e no desenvolvimento social. Que são definidas como:

[...] a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (Brasil, 2018, p. 8).

No trecho acima, ressalta-se a importância de que não se vale a teoria sem a prática, os conceitos sem as habilidades. Ao ler as competências da BNCC, entende-se que existe um porquê e um foco, e que vão além das teorias e práticas, pois é dada atenção para as necessidades sociais.

Nas competências da BNCC, são citados valores imprescindíveis para a formação do aluno, dentre elas: valorizar a construção da história cultural e de sociedade; instigar a intelectualidade da ciência; promover discussões reflexivas e críticas; fruir das atividades artísticas e culturais dentro e fora do seu meio local; aplicar diversas linguagens – verbal, corporal, visual e sonora; utilizar das tecnologias digitais para melhorar na comunicação e compartilhar conhecimentos e informações (Brasil, 2018).

O Currículo em Movimento do Distrito Federal também é um documento oficial que complementa e se alinha aos princípios e valores que a BNCC e a LDB propõem. O currículo oferece um direcionamento educacional para todos os

profissionais da educação, desde o diretor ao funcionário da limpeza, para que possa garantir ao aluno o direito de estudar com um atendimento de qualidade. Falar desse documento instiga a fazer um questionamento pertinente. Quais tipos de crianças moram no Distrito Federal e como elas se relacionam culturalmente e socialmente? Tais perguntas permitem observar que cada região do Brasil tem um currículo específico, pois cada estado e município possuem suas particularidades (Distrito Federal, 2018). O currículo em movimento pontua:

Portanto, são muitas as singularidades que constituem um território e que não cabem nessas poucas páginas, mas que já **são capazes de provocar uma reflexão acerca do que constitui esse lugar, seus povos, seu ambiente natural e cultural** e sobre como esses elementos precisam ser pensados na vivência de uma prática educativa que possui uma perspectiva de educação integral (Distrito Federal, 2018, p. 13, grifo do autor).

Concordo com o currículo em movimento sobre as singularidades de uma região, pois para a prática educativa acontecer, precisa-se entender a vulnerabilidade daquele local e da família: onde a família mora? E em quais condições conseguiu chegar até a escola? É de suma importância identificar a trajetória de vida familiar, a cultura da criança, valorizar e respeitar suas crenças, e apresentar o direito de se expressar pelas diversas linguagens, por exemplo, o movimento do corpo e a dança. Essas questões serão desenvolvidas com mais detalhes no capítulo 3.

Diante disso, trago nos próximos parágrafos o que diz a BNCC e o Currículo em Movimento do DF, a respeito da etapa da Educação Infantil.

Crianças de zero a cinco anos de idade têm o direito de ter atendimento na creche e é dever do estado dar todo o apoio que precisam. Vale ressaltar a evolução que se obteve nessa etapa, pois a educação infantil foi incluída na BNCC somente após a constituição de 1988 (Brasil, 2018).

Nessa etapa, especificamente na creche, é a primeira vez que a criança vai se desvincular da sua base familiar e entrar numa nova experiência. O documento da BNCC aconselha que para esse primeiro impacto, a criança deve se sentir acolhida e cuidada por todos e aos poucos implementando nela a proposta pedagógica:

Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula **educar e cuidar, entendendo o cuidado como**

**algo indissociável do processo educativo.** Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (Brasil, 2018, p. 36, grifo do autor).

Para se ter um mínimo de conexão com a criança, primeiramente é preciso demonstrar confiança e cuidado para só depois e aos poucos colocar em prática as propostas pedagógicas. O cuidado, o carinho e a atenção primeiramente vêm da família, mas isso não é deixado em casa, pois existe uma distribuição de deveres e cuidados entre a família e o professor.

É essencial que nessa etapa se tenha a prática de dialogar com a família da criança e que as responsabilidades sejam divididas com os pais e a creche, tendo em vista a diversidade cultural e familiar (Brasil, 2018).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, a criança aprende no brincar, pois são nas brincadeiras que ela consegue se expressar e interagir com o mundo, desenvolvendo a socialização e as aprendizagens. Vejamos:

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009)<sup>27</sup>, em seu Artigo 4º, definem a criança como sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, **brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa**, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2018, p. 37 apud Brasil, 2009, grifo do autor).

Portanto a oportunidade de jogar significa ganhos e desenvolvimentos psicomotores e cognitivos, e a falta de jogo na vida da criança retarda o conhecimento de si mesma.

De acordo com a BNCC (Brasil, 2018), existem seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que são garantidos na educação infantil:

- **Conviver** utilizando diversas linguagens, conhecendo a si mesmo e o próximo, respeitando as diferenças.

- **Brincar** de várias maneiras em diferentes espaços e com pessoas diferentes, em grupos maiores ou pequenos, potencializando sua criatividade e seu faz de conta.
- **Participar** na escolha das brincadeiras, das atividades do dia a dia, assim como do planejamento de aula do professor e da escola em geral, desenvolvendo na criança o direito de escolher e decidir.
- **Explorar** os movimentos, cores, palavras, contos, natureza dentro e fora da escola, abrindo um leque de saberes culturais: artes, escrita, ciência e tecnologia.
- **Expressar** no diálogo, sendo criativo e sensível sobre os seus sentimentos e suas emoções, tendo a oportunidade de opinar e por meios de diferentes linguagens.
- **Conhecer-se** e construir a sua personalidade, valorizando-se e também o grupo onde convive, relacionando-se e experimentando diversas brincadeiras que ajudam na vivência na escola, na família e no social.

O documento ressalta que esses direitos não acontecem de forma orgânica, pelo contrário, é preciso ter intencionalidade na educação, e que é o professor que dará esse ponto de partida, por meio de suas ações pedagógicas (Brasil, 2018).

Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças (Brasil, 2018).

É importante o acompanhamento do desenvolvimento dessas crianças, registrando e observando todo o seu percurso dentro da creche. Esses registros podem ser feitos com relatórios, imagens, desenhos etc., sem a intenção de qualificar a criança de “apta” ou não “apta”, pois a intenção é de organizar o tempo e os espaços percorridos até aquele momento (Brasil, 2018).

A Educação Infantil é organizada por estruturas para que alcance todos os direitos de aprendizagens e vivência que a criança precisa ter. Portanto, de acordo com o documento, a organização do currículo é feita em cinco campos de experiências, pois tem a função de abraçar várias situações e experiências da vida da criança. Vejamos (Brasil, 2018):

- **O eu, o outro e o nós:** é se interagindo com outras crianças e adultos que vão adquirindo o seu próprio jeito de pensar e agir, e entendendo que o outro

também tem seu modo de viver. Ao ter essas experiências sociais, aos poucos, vão construindo questionamentos de si e do outro e ao mesmo tempo respeitando as diferenças como um todo. Dessa forma, a criança consegue ter autonomia, valorizando a sua identidade pessoal.

- **Corpo, gestos e movimentos:** por meio dos gestos, movimentos com ou sem intenção e com os sentidos, a criança conhece o mundo, seus espaços e tudo que está ao seu redor e assim constrói a sua consciência corporal. Várias linguagens podem ajudar nesse processo: a dança, o teatro, a música brincada, etc. São com essas linguagens que a criança reconhece as funções do seu corpo e identifica a potência que ele tem. A pré-escola precisa dar essas oportunidades lúdicas e interativas para que as crianças consigam explorar e ocupar os espaços com o corpo.
- **Traços, sons, cores e formas:** assistir e participar de diversas provocações artísticas, em diferentes locais, assim possibilita a criança experimentar de diversas linguagens. Por exemplo: as artes cênicas e visuais, a música e a dança, entre outras. Começam a ser autores das suas próprias invenções, entendendo a sua estética e seu senso crítico e que outras pessoas são diferentes. Logo, a educação precisa instigar as crianças a produzir e se manifestar artisticamente de modo que ela desenvolva a sensibilidade e a criatividade dentro de si.
- **Escuta, fala, pensamento e imaginação:** as crianças nascem já interagindo com os adultos. As primeiras formas de interação vêm dos movimentos corporais: olhando, sorrindo e chorando. Aos poucos, isso amplia e o seu corpo vai se apropriando dos sentidos. Na Educação Infantil, a criança precisa falar e ouvir, assim aumenta a sua participação oral e a sua capacidade de ouvir o próximo e o que está ao seu redor. É preciso o acompanhamento das leituras de textos e observar como é a interação ao contar histórias, estimular a escrita por meio da imaginação e gosto de cada um.
- **Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações:** saber o que é o mundo e como o seu corpo é inserido nesse mundo, parte da curiosidade orgânica da criança. É papel da educação promover várias experiências que desperte o interesse de mexer em objetos, investigar situações e buscar respostas para os seus questionamentos. Portanto, por meio dessas oportunidades se ampliam conhecimentos sobre o mundo e do seu dia a dia.

Essas orientações, fundamentadas pela BNCC e o Currículo em movimento, ajudam os professores a aprimorar os conhecimentos e nas criações das atividades pedagógicas. A dança é incluída como metodologia de ensino, pois é uma linguagem que faz parte das estruturas dos direitos de aprendizagem de ensino da educação infantil.

Consigo identificar a linguagem da dança em qualquer campo de experiência desses documentos: a dança no eu; no outro e no nós, a dança no corpo e no movimento, a dança na escuta e na imaginação, a dança no espaço, tempo e nas relações. Esses campos e direitos serão abordados em detalhes nos tópicos 2.2, e 2.3, que discutem por que e como ensinar dança para crianças.

A dança é um saber pertencente em ambos os documentos, pois traz consigo diversos caminhos de conhecimentos e aptidões que podem ser essenciais no desenvolvimento de aprendizagem da criança.

Na educação infantil, a dança é entrelaçada às outras linguagens e saberes, o que se torna essencial para o trabalho cognitivo, psicomotor e social.

Os documentos ressaltam a importância de aprender várias culturas que compõem as comunidades brasileiras, como índios e os africanos. Também cita a relação da dança com a atividade física, aprendendo movimentos motores e não motores, assim como fortalecimento muscular e ósseo. Desse modo, a criança tem a noção de saber o que é seguro ou do que pode ser arriscado para a sua integridade corporal.

Para o Currículo em Movimento é essencial que o estudo do movimento seja a partir das experiências do próprio aluno e depois que seja desenvolvida a ampliação dessas, possibilitando conhecer novas formas corporais, novos espaços e expressões (Distrito Federal, 2018). Para tal, o jogo, o faz de conta, a mímica e a musicalidade são essenciais para o entendimento dos processos da dança, assim como a autonomia e o protagonismo da criança.

## **2.2 Por que ensinar dança para a criança?**

Hoje em dia, deparamos com diversas crianças conversando sobre dança ou praticando-a, seja em estúdios, aplicativos e/ou redes sociais, tornando-se uma atividade física interativa e compartilhada, assim o movimento é reproduzido e se

torna viral. Para as crianças, isso é divertido e é uma forma de se relacionar com os amigos e o mundo. Suponho que esse interesse da criança de se relacionar com a dança abre um leque de oportunidades e possibilidades de incluí-la como área de conhecimento primordial no currículo escolar. Laban (1990, p. 14) reforça a necessidade que o ser humano possui de aprender a arte do movimento:

A dança reingressou nos reinos das artes, em nossos dias, e também as formas históricas voltaram à vida graças à necessidade, infinitamente percebida por quase todos, de obter inspiração ou, pelo menos, informação a respeito de uma das características mais poderosas da estrutura corporal e mental do homem: o movimento.

Porém percebo que, hoje em dia, a necessidade de dançar está focada em encontrar uma música “estourada” nas paradas de sucesso. Depois em criar um vídeo de dez segundos com um trecho dessa música, utilizando movimentos aleatórios e fáceis de reproduzir. Por fim, em seguida, postar esse vídeo para ganhar “likes” e conseqüentemente “viralizar” nas redes sociais. Todavia, dez segundos não são suficientes para ter uma experiência de dança em sua totalidade. Os “likes” não possibilitam mergulhar nos aprofundamentos que essa arte domina.

Laban (1990, p. 11) diz que “as danças têm sido em todos os tempos uma profunda vinculação com os hábitos de trabalho dos períodos em que surgiram ou foram criadas”. Sabemos que os aplicativos *Tik-Tok* e *Instagram* têm suas funções de postar fotos e vídeos, mas, além disso, representam um trabalho informal e os usuários que os utilizam para isso são chamados de *influencers*. Seria então a “dança digital” uma nova expressão de arte de uma “sociedade de redes sociais”? Em minha opinião, o maior problema disso seria o foco em “curtidas” e na preocupação de ter “seguidores”. Porém, não podemos invalidar esse tipo de acesso digital com a dança, o professor pode se aliar a essa tendência oferecendo a possibilidade de ensinar movimentos para que os alunos passem a ter domínio consciente do corpo. Assim adquirem os efeitos benéficos que a atividade da dança tem e aprendem a utilizar as plataformas digitais de forma que problematizem o uso das redes sociais, indo além do uso comum. Por exemplo, trabalhar com as ferramentas de edição do aplicativo *Instagram*, para que possam colocar efeitos, trilha sonora, luz e transições em suas apresentações de teatro-dança no formato de vídeo ou em aulas assíncronas, de modo que esses efeitos acrescentem

significados que o espetáculo necessita, criando esse relacionamento com a sonoplastia.

A dança é uma forma de aprender e ensinar o outro, pois envolve o uso do corpo de várias maneiras para se comunicar e se expressar. Estimula no desenvolvimento da criatividade e das habilidades motoras. Mas, o que é dança para as crianças? E por que deve ser ensinada a elas (Cone & Cone, 2015)?

Para as crianças, a prática de dançar carrega significados diferentes. Vai depender das experiências de cada um ou se já tiveram contato ou não com essa atmosfera (Cone & Cone, 2015). Muitas vezes, ela se desenvolve a partir dos jogos dramáticos. Slade (1978, p. 17) afirma que o jogo dramático é “a maneira de a criança pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar e observar”. Ou seja, o jogo se caracteriza por ações da própria criança e, a partir desses movimentos, começamos a perceber que a dança faz parte desse processo, como participante ou como espectador. Andrade & Godoy (2018) trazem que o jogo e a dança dialogam, mas que são diferentes mesmo sendo um só. Todavia, é jogando que a criança aprende mais sobre ela e o outro, assim como é dançando que a criança aprende sobre o outro e a si mesma.

É importante ressaltar que a falta de jogo pode atrapalhar no desenvolvimento social da criança, conforme aborda Slade:

A falta de jogo pode significar uma parte de si mesma permanentemente perdida. É esta parte desconhecida, não-criada, do próprio eu, esse elo perdido, que **pode ser a causa de muitas dificuldades e incertezas nos anos vindouros** (Slade, 1978, p. 20, grifo do autor).

É pela falta de jogar que a criança não consegue socializar, assim se perde o direito de explorar infinitas possibilidades de conhecer a si e o outro, afetando diretamente na educação e no seu desenvolvimento corporal. Entende-se que o jogo é o comportamento real da criança, uma vez que é considerado uma expressão natural do ser humano.

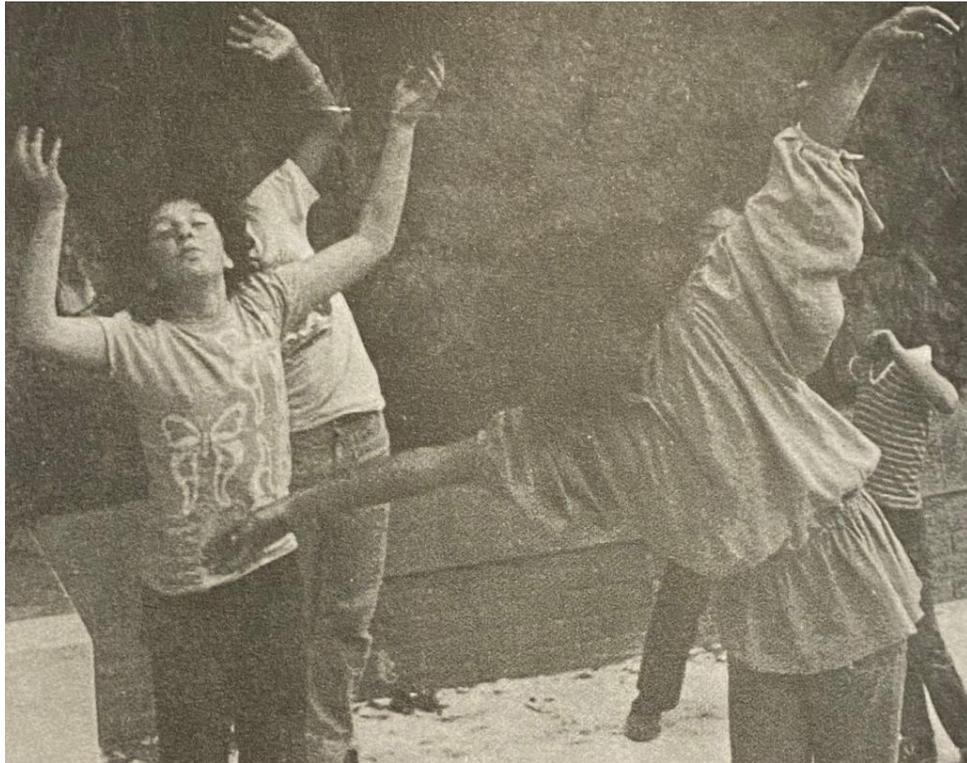


Figura 1 - Fotografia de Slade (1978, p. 62) capturando a dança improvisada tendo como tema o “nascimento de uma árvore”.

A figura 1 traz a ideia do jogo dançado com o improviso, e quando intencionado para processo de aprendizagem da criança, aciona a criatividade, expressão e a improvisação dando a oportunidade de extravasar toda a energia atômica do grupo.

É importante lembrar que a dança muitas vezes é incluída dentro das atividades de educação física ou entrelaçada nas aulas de teatro, entendida como uma forma de metodologia de ensino e não como uma matéria que traz seus conhecimentos, conteúdos e questionamentos. Isso ocorre principalmente no ensino fundamental e médio. Para que isso não ocorra na educação infantil, o primeiro passo é entender que a dança flui além das apresentações de datas comemorativas, atividades físicas ou de aprender coreografias. Laban (1990, p. 18) pontua sobre as apresentações nas escolas:

A questão referente à apresentação de danças nas escolas deve ser abordada, portanto, com extrema delicadeza e ter-se-á que seguir ideias e procedimentos definidos, que devem ser analisados detalhadamente.

Entendo que, se a creche evidenciar a dança no centro de interesse, consegue dar o primeiro passo para acessar essa forma de arte, que tem seus aprofundamentos, caminhos e amplitudes. Como demonstra a figura 2, a dança é a arte e o movimento:

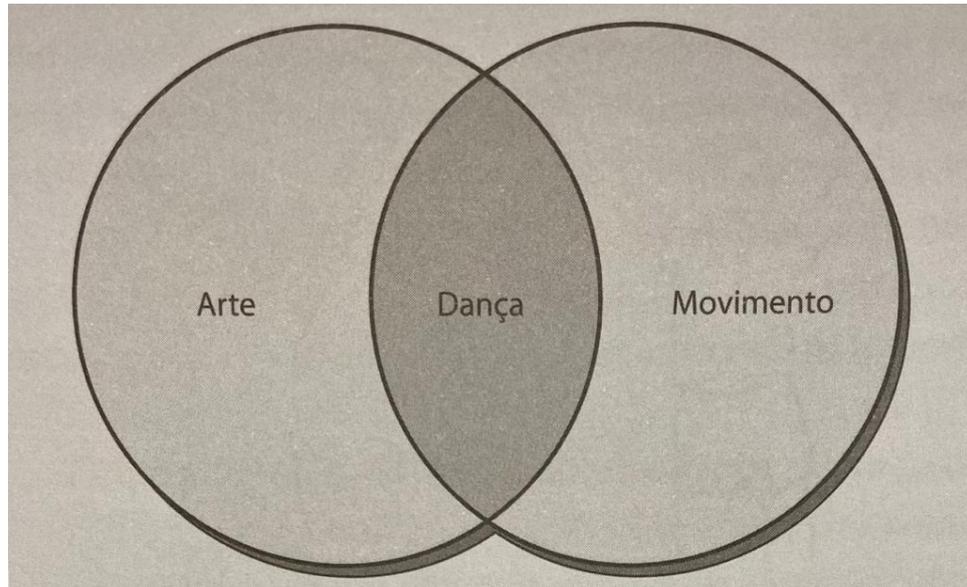


Figura 2 - Diagrama de Cone & Cone (2015, p. 5) ilustrando a dança como disciplina independente e, ao mesmo tempo, um movimento e uma forma de arte.

Pode-se estabelecer um elo das crianças com a dança mais facilmente se o educador compreender que a dança na educação infantil representa muito mais do que uma simples atividade escolar ou uma coreografia criada por ele, mas que é uma arte, uma forma de expressar ideias e sentimentos, de desenvolver processos criativos e explorar movimentos para criar novos. É a arte de conhecer as tradições culturais, assim como as diferenças de estilo de viver (Cone & Cone, 2015).

A dança é o movimento de observar o outro e aprender o diferente no outro. Cone & Cone (2015, p. 7) sobre percepção e observar o outro dizem que:

[...], ao participarem da dança na nuvem, na qual criam as formas e os movimentos de seu corpo para representar as nuvens que veem no céu, elas expandem sua percepção a respeito da formação e do deslocamento das nuvens e observam a interpretação singular dada por seus colegas para essas formas e esses movimentos.

Nesse exemplo da dança na nuvem, é usado o processo de improvisação a partir do corpo, espaço, peso, tempo e da relação com o outro. A proposta da dança

criativa e improvisada parte da própria criança, pois elas são aptas a escolher os próprios movimentos a partir de sua imaginação.

Suponho que ensinar dança para as crianças é desenvolver experiências inerentes ao corpo e descobrir movimentos que possibilitam a expressão e comunicação corporal. Na idade de dois a três anos, a criança usa os movimentos também como linguagem oral, pois para atender aos seus pedidos e necessidades, são usados movimentos como apontar, estender as mãos, pisar e caminhar até o objeto desejado. É uma forma natural de evidenciar o que estão querendo dizer. Assim como Palangana (2001, p. 99) que exemplifica que “a criança fala enquanto age, porque esses dois fatores são igualmente importantes no esforço para atingir um objetivo”.

Quando nascemos, o movimento é a principal forma de linguagem para compartilhar os desejos e necessidades. Laban (1990, p. 21) afirma que “os primeiros esforços do bebê são os movimentos ligeiros do corpo”. Palangana (2001, p. 100) afirma que “por volta dos três anos de idade, a fala acompanha as ações das crianças refletindo no processo de solução das situações”.

Dessa forma, mesmo acompanhados pela “fala social” conforme Vygotsky (1990 apud Palangana, 2001) denomina, nessa idade os movimentos dão a oportunidade de expandir os conhecimentos e habilidades que o corpo tem, conhecendo a si e o mundo. Ou seja, a dança antes de tudo, é conhecida pelo movimento orgânico do corpo por ele realizado, mas o interessante é a necessidade que o corpo tem de ser alimentado por novos movimentos ao longo da vida.

Sobre os benefícios psicomotores adquiridos pela dança, Cone & Cone (2015, p. 12) afirmam:

Elas aprendem a movimentar todo o corpo ou suas partes isoladamente, de modo seguro e efetivo. A transformação de uma forma em outra ou a execução de diversos movimentos motores combinados, os quais exigem controle corporal, é desenvolvida através das explorações e repetições. As crianças ganham força, aprimoram o equilíbrio e aumentam a flexibilidade e a coordenação por intermédio da criação ou da aprendizagem de novos movimentos. Elas aprendem a reproduzir e a aprimorar padrões de movimento, a incrementar sua consciência espacial e corporal e a desenvolver a capacidade de coordenação de seus movimentos com os de seus colegas.

Os objetivos de ensinar dança na educação infantil são eficazes quando o aluno aprende a usar o movimento para investigar, expressar e se comunicar, por meio de ideias e sentimentos reverberados por ele ou por outros ao seu redor.

Sobre os benefícios cognitivos adquiridos pela dança, Cone & Cone (2015, p. 13) dão um exemplo:

Quando as crianças riem ao assistir a uma dança, elas podem estar divertindo-se com os movimentos, o ritmo ou a forma de uso do espaço. Ao refletirem a respeito do que acontece na dança e ao descreverem o fator indutor do riso, as crianças passam a compreender suas preferências estéticas.

Ou seja, as crianças passam a ter conhecimento do próprio corpo, de como se movem e se relacionam com os demais e com o lugar que se encontram. Com o brincar de criar novos personagens e cenários e junto à imaginação com o movimento, isso faz a dança ser uma possibilidade de aprendizagem no desenvolvimento cognitivo.

Um ponto interessante de ressaltar é a necessidade que a criança tem de demonstrar a sua habilidade para o professor. Sobre isso, Cone & Cone (2015, p. 14) dizem:

Crianças menores costumam expressar suas expectativas com frases como: “Preste atenção em mim”, “Olha como eu consigo fazer isso”, e, “Olhe para mim”. Elas ficam à espera da aprovação do professor, e um retorno positivo as incentiva a concentrar suas energias na experiência do aprendizado.

Sobre as falas do aluno querendo atenção pra si e sempre o aval do professor, Vygotsky (1990 apud Palangana, 2001) chama de “fala egocêntrica”, desempenhando um papel importante de instrumento do pensamento; é onde ele se expressa e se liberta.

Para saber se o objetivo da atividade foi alcançado, basta perguntar para o aluno o que ele achou daqueles movimentos. É necessário que o aluno se expresse oralmente para que ele se orgulhe dos alcances dos seus movimentos, ou para identificar que não é capaz de fazer tal movimento, assim reconhece suas dificuldades. É nessa hora que o aluno expressa sua alegria ou sua tristeza e frustrações. Laban (1990, p. 26) afirma que nessa etapa a criança não deve ser corrigida:

Deverá animá-la para que empregue suas próprias ideias e esforços sem corrigi-los para ajusta-los às normas de movimento dos adultos, condicionadas por convenções e, por isso, antinaturais. A correção e o assessoramento formal vêm depois, quando a criança já desenvolveu sua

personalidade sem restrições nem inibições e pode entender e apreciar o significado completo daquilo que lhe é solicitado.

Nesse caso, o professor encoraja o aluno por mais tentativas, incentivando-o por meio da repetição, pois nessa etapa inicial é natural que se repitam tais movimentos, para que posteriormente a criança consiga com seus próprios esforços naturalizá-los. Vale ressaltar que o professor entenda que é um mediador, trazendo elogios que incentivam o aluno a não desistir e nem se desmotivar facilmente.

Assim a dança é um grande benefício afetivo e social. A criança costuma bater os pés e as mãos quando está com raiva e zangada, então esse movimento pode ser usado como inspiração para a dança, assim a criança demonstra seus sentimentos de raiva (Cone & Cone, 2015).

Laban (1990, p.108) traz a reflexão sobre o movimento de expandir para o exterior o que se sente no interior:

Por meio dos movimentos de nosso corpo aprendemos a relacionar nosso ser último com o mundo exterior. Recebemos de fora impressões que nos fazem reagir e, assim mesmo, projetamos para fora nossos impulsos internos espontâneos, com o que expressamos a presença da energia vital.

Não há dúvida de que querer educar o sentido dos movimentos deve-se então partir do estilo pessoal e da experiência de cada criança, ao mesmo tempo, é importante apresentar novos processos diferenciados com o objetivo de estimular e provocar respostas do corpo em seu estado natural.

Por fim, entende-se que o movimento se encontra em todos nós, assim como nas crianças, no seu modo de brincar e no “faz de conta”, por isso é importante realizar a dança na educação infantil, intencionada por meio de diferentes ações e na sensibilidade do mover e a forma como se relacionam o corpo, consigo e com o outro.

### **2.3 Elementos básicos de dança com as crianças**

A seguir, apresento um conjunto de elementos básicos da dança adequados ao desenvolvimento das crianças menores de onze anos, tendo como base principal os conceitos de Rudolf Laban. Organizei os elementos básicos da dança em categorias – corpo, espaço, tempo, peso e relacionamentos, contudo todos os temas

se complementam e se entrelaçam. Os elementos básicos da dança serão apresentados de acordo com a organização orientada por Cone & Cone (2015), assim como os desdobramentos registrados por Andrade & Godoy (2018). Ressalta-se que ambos os autores também são impulsionados pelo estudo de Rudolf Laban.

A intenção desse subcapítulo não é transformá-lo em uma metodologia, pois não é o foco dessa pesquisa, mas, sobretudo estudar as possibilidades de trabalhar a dança e seus saberes com as crianças na educação infantil. O objetivo é entender como ensinar dança para as crianças e como usar os movimentos que desenvolvem a aprendizagem.

### **2.3.1 Corpo**

Já sabemos que a dança estimula o aluno a explorar o seu corpo com infinitas possibilidades de movimentos e, ao longo do tempo, desenvolvem consciência e controle corporal. O professor tem de estimular as crianças a aprender o nome das partes do seu corpo. Laban (1990, p. 35) diz:

Pode-se fazer a criança em crescimento conscientizar-se da possibilidade de usar, brincando, os ombros, os cotovelos, os pulsos, os dedos, os quadris, os joelhos, os calcanhares, os dedos dos pés, a cabeça, o peito, a espádua, ou qualquer outra parte do corpo para se mover ou dançar.

A forma lúdica de ensinar é essencial para conhecer as partes do corpo. A figura 3 mostra quais partes básicas dos ossos a criança também pode aprender.

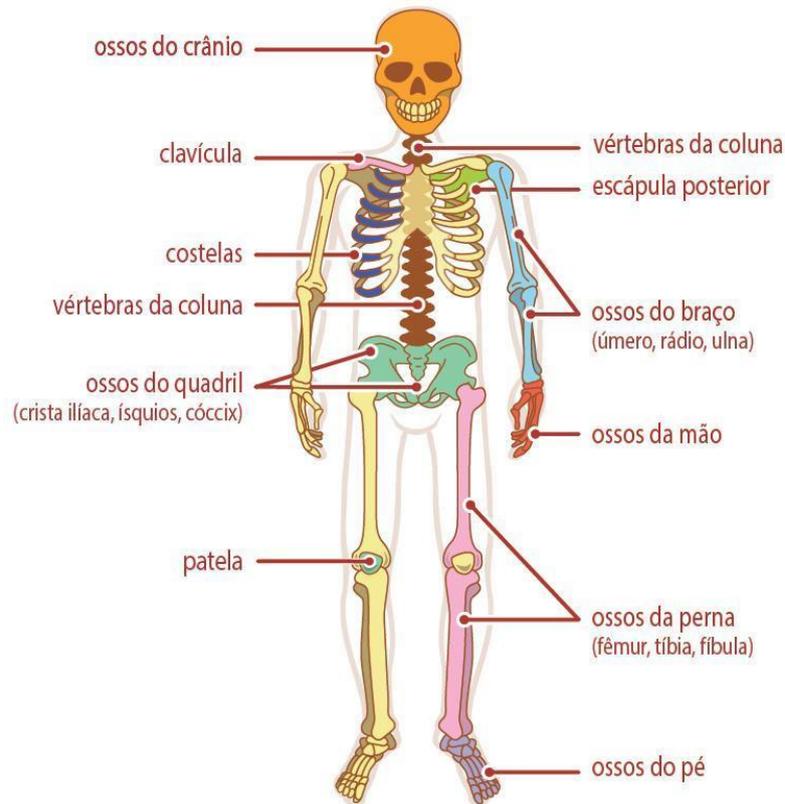


Figura 3 - Desenho do esqueleto ósseo apresentado por Andrade & Godoy (2018, p. 91).

Andrade & Godoy (2018, p. 92) afirmam que “o processo de aprender as nomenclaturas precisa acontecer naturalmente conforme o interesse das crianças e a apropriação desses conhecimentos pela dança”. Além da estrutura óssea, é importante o conhecimento da estrutura básica das articulações e dos músculos.

Não há necessidade de sempre separar as partes corporais, uma vez que são interligadas e coordenadas como um todo, mas isolar também ajuda na aprendizagem de conhecer diferentes maneiras de se mover (Andrade & Godoy, 2018), por exemplo, pedir para a criança deitar no chão e mexer só os dedos dos pés. Essa ação requer muita atenção e concentração, pois mexer apenas uma parte do corpo enquanto as outras estão paradas, ainda pode ser desafiador e difícil para uma criança de três anos de idade.

Perceber e conhecer as partes do seu corpo instiga a criança a acionar diversas movimentações e, ao mesmo tempo, ajuda a explorar e criar novas possibilidades, por exemplo, pular, correr, saltar e caminhar. Essas ações são chamadas de movimentos motores, pois o corpo passa de um lugar para outro. Ou o corpo não se desloca, mas tem uma parte se movimentando, por exemplo, se

alongar, sacudir, chutar e puxar, aqui são chamados de movimentos não motores (Cone & Cone, 2015). Ambos acrescentam no conhecimento de movimentos dos alunos e os desafiam a criar e experimentar novas possibilidades.

### **2.3.2 Espaço**

Todas as pessoas se movimentam pelo espaço com o intuito de atender às necessidades funcionais (p.ex., caminhar até o banheiro, ligar a torneira para lavar as mãos). Assim deve acontecer na dança com a criança, explorando de diversas maneiras o espaço, em vários níveis e direções. O aluno precisa sentir a diferença entre amplo e restrito, além de observar o lugar onde dança, as pessoas e o espaço onde o seu próprio corpo ocupa (Andrade & Godoy, 2018; Cone & Cone, 2015).

Na dança, o termo “nível” representa três alturas diferentes – baixa, média e alta - onde o corpo se move e cria figuras (Figura 4). O nível mais baixo seria aquele mais próximo ao chão. Nesse caso o professor pode trabalhar com alongamentos e rolamentos. O nível médio, é o espaço que está entre baixo e o alto, dessa maneira, pode-se trabalhar com o caminhar, correr e deslizar. Por fim, no nível alto o professor solicita que levantem as mãos, pulem, ou que tentem alcançar um determinado objeto esticando as mãos e ficando nas pontas dos pés (Cone & Cone, 2015).

A figura 4 demonstra a união dos corpos das crianças para formar uma escultura, ocupando apenas um determinado espaço da sala, utilizando os níveis (baixo, médio e alto) e os principais apoios do corpo (o pulso, os pés, cotovelos). Nesse caso, percebem-se as crianças se divertindo e utilizando a sua imaginação para criar a figura, pois os alunos devem e podem escolher diversas formas e trajetórias para ocupar um espaço.



Figura 4 - Fotografia de alunos representando uma escultura em três níveis, baixo, médio e alto. (Cone & Cone, 2015, p. 25).

Para ocupar os espaços, o aluno pode usar de sua criatividade utilizando as formas geométricas: curvas, retas, espirais, círculos etc. Por exemplo, pedir para que corram até um determinado ponto em linha reta e que voltem ao ponto de partida em forma de ziguezague (Andrade & Godoy, 2018; Cone & Cone, 2015). Observar o espaço é intensificar o olhar e os detalhes, desenvolvendo o foco e a atenção. Também é observar o outro. Assim como demonstra a figura 5:



Figura 5 - Organograma de Andrade e Godoy (2018, p. 106) demonstrando as relações entre a criança com o espaço/ambiente/objetos.

Andrade & Godoy (2018) afirmam que o espaço é determinado a partir do olhar, que pode ser vivenciado por meio da observação do corpo em movimento e o desenho das direções, assim como olhar para os objetos e pessoas.

Portanto, é de suma importância que a criança conheça o espaço, pois isso desenvolve a percepção e consciência do corpo, identificando a si, o próximo e o ambiente, assim como os detalhes ao redor.

### **2.3.3 Tempo**

Cone & Cone (2015) afirmam que o elemento tempo é sobre a cadência e ritmo de um movimento. Esses ajudam a entender que um movimento vem depois de outro e podem ser organizados, mas isso acontece de acordo com o que as crianças sentem. A cadência significa o quão é rápido ou lento é o movimento. O movimento pode ter pausas, duração de segundos ou minutos, pode haver mudanças repentinas de formas rápidas ou lentas, assim como pode ser gradualmente mudado.

Por exemplo, pedir para que o aluno corra na velocidade mais rápida que consegue e aos poucos para que ele corra menos rápido. Ou que ele corra em tempo “normal” e depois em “câmera lenta”. Nesse caso, o “normal” é algo muito relativo de cada criança, pois alguns podem ser mais rápidos e mais lentos que outros. O importante é explorar as diferenças entre os movimentos e as ações.

Andrade & Godoy (2018, p. 113) dizem que “para impulsionar a buscar os ritmos, a música pode ser utilizada ou não, dependendo dos objetivos da aula”.

A criança quando ouve uma música que gosta geralmente responde balançando automaticamente os pés. Podemos chamar esse ato de marcação, evidenciando as batidas daquela música. Portanto, o professor também pode utilizar a música para trabalhar as batidas na dança, que pode ser representada com um movimento mais forte ou fraco (Andrade & Godoy, 2018; Cone & Cone, 2015). Por exemplo, bater os pés para fazer ou não barulho. Além das músicas, é importante utilizar os sons da natureza ou de onde vivemos, como o barulho que um animal faz ou um som de uma moto.

Dessa forma, ressalta-se a importância de investigar as relações que o tempo tem com a dança, proporcionando conhecimentos de ritmos, velocidades, pausas e a intensidade do movimento, evidenciando a criatividade que o corpo infantil possui.

### **2.3.4 Peso**

O peso é a quantidade de liberação de energia usada para um movimento, leve ou forte (Cone & Cone, 2015). Para levantar um copo descartável o movimento é leve, mas para um saco de cimento o movimento é forte. Assim acontece também na dança. O professor pode ensinar o aluno a usar os pesos de várias formas e intensidades, tudo depende do propósito do movimento.

A intenção nesse elemento é proporcionar brincadeiras que relacionam o corpo com o equilíbrio e desequilíbrio, por meio dos saltos, pulos, rolamentos etc.. A criança também aprende a usar as partes necessárias do corpo para efetuar tal movimento usando o peso (Andrade & Godoy, 2018; Cone & Cone, 2015). Por exemplo, pedir que a criança fique imóvel, na posição de estátua, usando apenas um pé. Nesse caso ela usa seu eixo e o peso do seu corpo para se manter em pé, caso contrário se desequilibra e cai. Qualquer ação da criança é importante para ela entender o uso do peso, até quando se desequilibra, pois saber como cair no chão é importante para não se machucar e também para entender como acontece essa transição dos níveis alto e médio para o baixo.

Existem brincadeiras que ajudam a entender mais sobre o que é leve e o que é forte. Por exemplo, colocar vários objetos em uma caixa e pedir para a criança adivinhar com olhos vendados qual objeto ele pegou. Além de trabalhar o tato, a criança pode adivinhar através do peso e do movimento/função do objeto. Também pode brincar usando o próprio peso do corpo, pedindo para que o aluno se apoie de costas com seu colega e que se empurrem para sentir o peso e a força um do outro.

Dessa maneira, a criança aprende a investigar possibilidades do seu corpo e do outro, por intermédio de objetos e brincadeiras, usando seu próprio peso, as articulações, os músculos, a força e a leveza dos movimentos, partindo da consciência do seu próprio eixo.

### **2.3.5 Relacionamentos**

O relacionamento acontece de várias maneiras: pode ser perto; longe; próximo; através; por meio; atrás; na frente; junto e separado. Cone & Cone (2015, p. 28) definem esse elemento englobando três aspectos:

[...] o relacionamento entre as partes do corpo de uma pessoa; o relacionamento espacial ou temporal dos indivíduos organizados em dupla ou grupos; e o relacionamento do corpo de uma pessoa com suportes, equipamentos e o próprio ambiente da dança.

Em longo prazo, as crianças vão criando intimidade com o seu próprio corpo e entendendo a função de cada parte. Depois, elas conseguem relacionar uma parte do corpo com a outra (Andrade & Godoy, 2018; Cone & Cone, 2015).

Por exemplo, colocar o braço entre as pernas ou colocar a mão para segurar os pés. Dessa maneira, a criança assume várias posturas corporais. Quando os alunos dançam a dança da estátua, criam-se figuras através do relacionamento de várias partes do corpo. Para fazer uma estátua segurando um objeto, a criança pode unir as duas mãos ou uma estátua que representa uma pessoa calçando um tênis. Nesse caso, a criança envolve a parte da mão com o pé e o joelho pode encostar-se ao peito ao se agachar.

Para trabalhar o relacionamento em grupo, existe uma conexão entre o outro e o espaço em um determinado tempo. Em grupo ou em dupla, o professor pode trabalhar em várias direções e caminhos (Cone & Cone, 2015). Por exemplo, a representação de uma minhoca gigante. Dessa maneira, as crianças podem ficar um atrás do outro, com os braços apoiados nos ombros do colega da frente, movimentando o corpo pra frente e para trás, para o lado e para o outro.

Segundo Cone & Cone (2015) o professor pode desenvolver na criança a habilidade de aprender com o movimento do outro, através da imitação e da observação. Seguem abaixo dois exemplos:

- Sombra: a criança copia o movimento que está vendo ao mesmo tempo em que o outro faz, porém, nesse caso ele fica atrás do colega.
- Espelho: duas pessoas se olham e se interagem executando o mesmo movimento ao mesmo tempo (ver Figura 6).

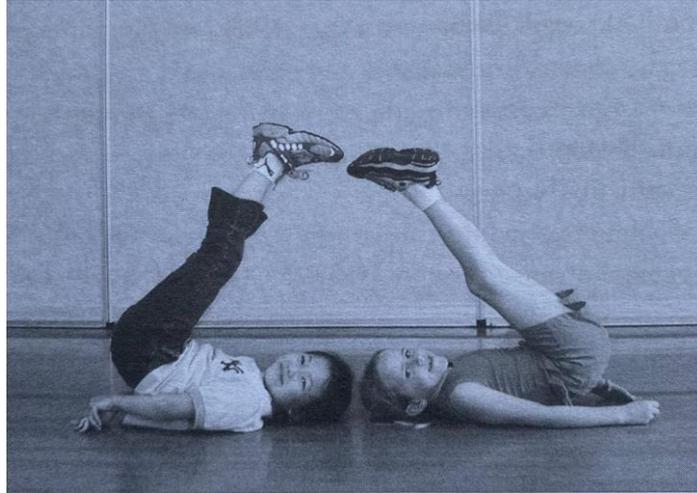


Figura 6 - Fotografia de uma dupla representando uma figura estática espelhada (Cone & Cone, 2015, p. 30).

Portanto, observa-se que existem diferentes formas de trabalhar os relacionamentos. Em grupo, a criança aprende a criar juntos, através da cooperação e das diferenças de cada um. Na escola, estão o tempo todo interagindo uns com os outros, mas na dança essa interação pode unir e desenvolver aspectos como liderança; precisão, conexão; formas opostas; formas diferentes, estímulos e respostas (Andrade & Godoy, 2018; Cone & Cone, 2015).

Assim os elementos da dança impactam nas formas de se movimentar e ajudam a criança a pensar e explorar as danças que surgem ao longo da sua vida. Esses elementos vão proporcionar conhecimentos de novas danças culturais, assim como danças criativas que surgem em uma brincadeira, além de responder aos estímulos orgânicos do corpo e do outro.

No próximo capítulo, descrevo a minha experiência em estágio supervisionado, com o intuito de relatar as observações das relações entre o espaço - crianças - professores - dança, no ensino infantil. Nesse momento, portanto, também descrevo sobre a realidade do dia a dia dentro da creche.

## **CAPÍTULO 3. A EXPERIÊNCIA EM CAMPO DE ESTÁGIO: CENTRO DE EDUCAÇÃO DA PRIMEIRA INFÂNCIA (CEPI) - ROSA DO CERRADO**

### **3.1 Centro de Educação da Primeira Infância (CEPI) - Rosa Do Cerrado**

O CEPI – Rosa do Cerrado é localizado em Taguatinga Sul, atrás da Universidade Católica de Brasília. Conveniadas ao Governo do Distrito Federal, os CEPis são centros de atendimento de ensino às crianças em regime de tempo integral.

O estágio tinha a duração de quatro horas semanais e acontecia toda terça e quinta, durante o mês de outubro de 2021.

O primeiro contato foi com a direção e a coordenação da creche. E a primeira pergunta que me fizeram foi: você gosta de trabalhar com criança? Rapidamente respondi que sim, porque acredito fielmente que a criança é o nosso futuro melhor, que faz parte da evolução de uma sociedade. O Currículo em Movimento do DF ressalta sobre a criança ser o sujeito importante na sociedade:

Desse modo, as crianças, para além da filiação a um grupo etário próprio, são sujeitos ativos que pertencem a uma classe social, a um gênero, a uma etnia, a uma origem geográfica. São sujeitos sociais e históricos, marcados pelas condições das sociedades em que estão inseridos. Significa dizer que são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, produtoras de cultura e que, também, são influenciadas pela cultura (Prestes, 2013 apud Distrito Federal, 2018, p. 23).

Dessa maneira, compreendo que para as crianças usufruírem de seu direito de estudar, primeiramente devemos entender que elas são protagonistas da sua caminhada social, identificando como sujeitos importantes na sociedade, pois agregam com suas experiências e se destacam na forma em que se inserem entre os adultos.

O CEPI Rosa do Cerrado trabalha com a ideia de que a criança precisa se sentir em casa. Todo o seu projeto pedagógico é baseado na Pedagogia Waldorf.

A Pedagogia Waldorf foi desenvolvida em 1919 pelo Austríaco Rudolf Steiner, um filósofo, educador e artista. Sua ideia era integrar o desenvolvimento físico, espiritual, intelectual e artístico dos alunos. E o seu objetivo era desenvolver indivíduos livres, integrados e responsáveis, defendendo que cada indivíduo tem

suas características próprias e que a capacidade de compressão de cada aluno é respeitada (Andrade e Silva, 2015).

Fiquei entusiasmado quando soube do modelo de ensino da pedagogia Waldorf, pois identifiquei princípios dentro do Currículo em Movimento do Distrito Federal, que passeiam no mesmo modelo de Rudolf Steiner. Veja:

Todavia, crianças de mesma idade são singulares e seu desenvolvimento também pode apresentar desenvolvimento distinto. Cresce, em importância, o papel da instituição de educação para a primeira infância como locus onde deve ocorrer uma diversidade de experiências, que, por sua vez, precisam ser internalizadas pelas crianças para a concretização da “emergência do novo”, das aprendizagens e, portanto, do desenvolvimento (Vigotski, 2012a apud Distrito Federal, 2018, p. 23).

Assim como:

O ponto de vista que norteia este Currículo aposta justamente nas imensas possibilidades e potencialidades das crianças e de suas infâncias. É necessário conhecê-las em seus fazeres, linguagens, invenções, imaginações, brincadeiras e cuidados (Distrito Federal, 2018, p. 24).

Como arte-educador, o meu objetivo no estágio não foi ensinar arte para as crianças, mas sim, identificar a importância do ser humano em si, sua totalidade, suas experiências e sua essência.

Helmut Von (1989) diz que para as crianças o mais importante é a forma como aprendem e não “o que aprendem”. Isso é essencial no ensino porque influencia no longo prazo, nas suas futuras relações, na sua saúde e na forma de pensar.

Vale ressaltar que, quando fui apresentado para toda a equipe (guardas, monitoras, cozinheiras, menores aprendizes e professoras), logo percebi que seria o único educador homem na creche. Talvez ainda existam preconceitos de ter professores homens nessa etapa da educação. Mas por quê? Porque são crianças pequenas e ainda é pensado e questionado que homens não podem cuidar delas? Ou será que a sociedade machista exige do homem um status de responsabilidade financeira e, por isso, ser educador do ensino infantil não é um atrativo financeiro?

Esses questionamentos logo reverberaram em uma reunião com os pais, na qual me senti pressionado, pois pediram explicações à direção da creche, o motivo da minha existência na sala e como isso ia se proceder. Os pais, principalmente das crianças do sexo feminino deixaram evidente o seu descontentamento com a minha

presença em sala de aula. Por mais que eu ficasse chateado com toda a situação, a minha vontade de estudar a criança nesse espaço foi mais intrigante do que qualquer outra interferência que poderia surgir. Portanto não deixei que isso afetasse nesse processo de aprendizagem e observação em campo. Entendo também que cuidar de crianças é muita responsabilidade e que é normal os pais quererem saber da minha identidade e do meu currículo, mas não justifica o preconceito referente ao meu gênero e sexualidade, camuflado em perguntas.

### 3.2 A relação entre o espaço e a dança

A sala de aula continha: o espaço principal, onde a professora fazia suas atividades, um quarto para o cochilo da tarde e um banheiro com pias, escovas de dente, toalhas, sabonetes, chuveiros, fraldas, luvas e todo o material de higiene que a criança precisa. Esse ambiente era preparado pelos responsáveis antes da chegada dos alunos. Sobre o momento do banho e dos cuidados de higiene, o Currículo em Movimento pontua:

O banho é um ato de afeto que deve ser feito com calma. É um momento precioso, porque o adulto interage individualmente com a criança. Esse momento **deve ser de conversa e de brincadeiras com a água**, bem como, para as crianças pequenas, de começar a se exercitar na autonomia de sua higiene pessoal. [...], ou seja, indica-se aproveitar o momento com intencionalidade educativa (Distrito Federal, 2018, p. 42, grifo do autor).

No momento do banho, não identifiquei nenhuma atividade realizada com as crianças. Embora seja um momento divertido e prazeroso para elas, para a professora era um momento muito corrido e desafiador, pois nem todos sabiam se limpar sozinhos. Ela ensinava oralmente os procedimentos do banho, também reforçados na roda de conversa, pois não era permitido o toque nas crianças quando estivessem preparadas para tomar o banho.

Fiquei pensativo em como o espaço do banheiro é diferente de outros espaços que já tive contato com a dança, então comecei a imaginar o banheiro como uma possibilidade de espaço em que eu poderia adaptar uma aula sobre movimentos básicos do corpo. Por exemplo, contar uma história referente à dança da chuva com as crianças embaixo do chuveiro para que se desenvolva a imaginação, usando a mente e corpo em exercício, usando bolhas de sabão para

deixar o espaço mais lúdico. Para aqueles alunos que não sabem usar o movimento para se esfregar ou usar as mãos para lavar o cabelo, realizaria brincadeiras que investigassem as partes do corpo que utilizam na hora de tomar banho.

Na sala há dois cantos onde as crianças amavam ficar: o primeiro era o canto da leitura, que tem uma prateleira de livros, com contos, histórias e parlendas. O segundo canto continha vários caixotes de brinquedos de várias formas, que eram doados pelos pais desses alunos. Nesse caso, eram sempre utilizados os brinquedos para ensinar o tema da aula. Porém, não identifiquei nenhuma proposta de dança com os brinquedos disponíveis. Sabemos que na dança é possível o uso brinquedos e/ou acessórios, por exemplo, fitas e barbantes para desenvolver a iniciação de movimentos básicos, realizando movimentos nos planos baixo, médio e alto.

Identifiquei que a creche tem vários ambientes que podem proporcionar atividades de movimento e dança. Muitas escolas não têm o lugar adequado para realizar tais atividades, pois nem todas as superfícies são lisas para que possa ter um contato maior com o chão sem que as crianças se machuquem. Porém, além de a sala ter um espaço grande e um piso liso, a creche possui um enorme pátio e um campo com a natureza que predomina como o maior espaço do local.

O contato com a natureza é muito importante nessa creche. A estrutura dela é rodeada de árvores com frutos que os alunos pegavam para comer e uma horta que as crianças plantavam e cuidavam. Por várias vezes me deparei pegando amoras no pé com os alunos, que era um momento gostoso e de se lambuzar.

Sobre o contato com diferentes espaços, o Currículo em Movimento do DF diz:

É importante que as crianças vivenciem experiências diversificadas em espaços que disponibilizem uma variedade de atividades, percebendo os formatos, cores, texturas, odores, dentre outros aspectos que podem ser sentidos e compartilhados entre as crianças (Distrito Federal, 2018, p. 34).

Certa vez, a professora utilizou uma corda para demarcar o espaço até onde a atividade ia ser realizada. Nesse dia, a atividade aconteceu no espaço verde, com árvores e pássaros cantando. As crianças corriam, pulavam e gritavam. Foi uma proposta feita pelas crianças, escolhidas após uma votação em roda entre elas, as brincadeiras como pique-pega e pula corda. O contato com a natureza proporciona

uma iluminação e ventilação naturais, além do contato com outros seres vivos: as plantas, os pássaros, as formigas etc. A dança e a natureza são uma dupla de saberes que proporcionam realizar diversas atividades de movimento. Por exemplo, achar um graveto e fazer de conta que é uma espada, assim a criança pode se movimentar utilizando os braços para movimentar o seu objeto com a intenção de atacar o seu inimigo. A criança pode utilizar o corpo, acionando os apoios para subir na árvore com a intenção de comer os frutos e de lá de cima ter a coragem ou o medo de pular, acionando vários sentimentos e sensações.

### 3.3 A roda de conversa

Toda aula começava com a roda de conversa. Sempre como uma rotina! No meu ponto de vista, esse momento era um dos mais importantes, pois era a hora em que a professora mais instigava as crianças a falarem e a escutarem o próximo. O Currículo em Movimento do DF enfatiza sobre a rotina na creche:

É importante enfatizar que a rotina é apenas um dos elementos que compõem o cotidiano. Geralmente, a rotina abrange recepção, **roda de conversa, calendário, clima, alimentação, higiene, atividades de pintura e desenho, descanso, brincadeira livre ou dirigida, narração de histórias**, entre outras ações. Ao planejar a rotina da turma, o professor deve considerar os elementos: materiais, espaços e tempos, bem como os sujeitos que estarão envolvidos nas atividades, pois tudo deve adequar-se à realidade das crianças (Distrito Federal, 2018, p. 34, grifo do autor).

Então, a aula era planejada a partir dos próprios interesses daquelas crianças e de acordo com o projeto pedagógico da creche. Às vezes, as atividades e os jogos começavam ali mesmo na roda (uma história, parlenda, jogo de roda). O que achei interessante foi a forma de compartilhar o tema da aula dentro da roda, deixando a criança se expressar e assim a professora identificava o grau de interesse daqueles alunos sobre aquele determinado tema.

Na turma, havia um tímido interesse em dançar. Um aluno sempre dizia na roda de conversa: “Professora, vamos dançar?”. Então, a educadora começou a considerar a possibilidade de atividades que envolvessem a dança, a partir do interesse desse aluno. Porém, dias se passaram e não identifiquei um planejamento de aula onde a dança seria o conteúdo trabalhado. A vontade que as crianças tinham de pular, saltar, caminhar e agachar era a “cereja do bolo”, ou seja, era

possível adequar ao planejamento pedagógico, a partir dos interesses dos alunos, a implementação de temas criativos que envolvessem a dança e a inclusão de atividades de movimentos que proporcionassem experiências e expressões corporais.

### 3.4 Que crianças são essas?

No total, a sala que fiquei tinha vinte e quatro crianças de dois a três anos de idade. Na creche, havia mais duas turmas com o mesmo número de crianças e na mesma faixa etária, ou seja, três turmas de maternal I. Cada sala trabalhava com uma professora e mais dois monitores. Identifiquei-me com a ideia de ter monitores na sala, não acho que a criança tem de ficar sozinha e sem a supervisão de um adulto. O intuito dos monitores também é de cuidar e de ajudar o professor no desenvolvimento das tarefas diárias e pedagógicas. Sobre os cuidados com a criança, o Currículo em Movimento do DF diz:

**Permitir que as crianças sejam protagonistas nas ações de brincar não significa deixá-las sem a supervisão e orientação de adultos.** [...] mesmo quando brinca sozinha, o professor precisa ter um olhar atento ao que está acontecendo, observando as ações, indagações e conquistas que as crianças estabelecem por meio das brincadeiras (Distrito Federal, 2018, p. 32).

Além de brincar com a criança, é preciso estar atento aos cuidados no que se refere à integridade física do aluno, prestando atenção nas necessidades, como ir ao banheiro, escovar os dentes, almoçar ou se a criança precisa de uma atenção especial.

Quando me apresentei, os olhos brilhavam e logo de surpresa me chamaram de tio. Aos poucos, eles entenderam que eu gostava de dança, pois em toda aula existiam tentativas de incluir a dança na roda de conversa. De fato, a dança foi minha aliada no sentido de me aproximar mais dessas crianças.

Tive a honra de participar da segunda reunião de pais e mestres. Apresentamos a sala e a rotina das crianças. Era a primeira vez que os pais estavam conhecendo o ambiente escolar do seu filho, pois antes disso, por causa da atual pandemia, ninguém podia entrar além dos funcionários e dos alunos. Nessa conversa, percebi vários sotaques, principalmente nordestino. Conhecer a família da

criança dentro do estágio pra mim foi muito importante, porque eu acredito que a participação da família na creche é fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem. O mesmo é descrito pelo Currículo em Movimento do DF:

Nessa direção, e para potencializar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, a prática do diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a instituição de Educação Infantil e a família são essenciais. Além disso, a instituição precisa conhecer e trabalhar com as culturas plurais, dialogando com a riqueza/diversidade cultural das famílias e da comunidade (Brasil, 2018, p. 36).

Conhecer a família ajuda o professor a identificar diversas culturas e comunidades. Relacionando isso com a dança, é possível trabalhar a partir dos conhecimentos de cada criança, explorando as suas raízes e os hábitos que a família tem com a dança, seja ela em forma de religião, profissional ou de lazer. Portanto, conhecer a família é importante não só para o professor, mas também para os próprios alunos, assim eles compreendem que o outro tem seus valores, suas tradições e que a forma de dançar do outro pode ser diferente da dele.

É importante ressaltar que na turma havia uma criança autista que tem microcefalia. Durante essa experiência, tive muita dificuldade no processo de brincar com ele. O primeiro ponto é que ele não interagiu comigo e com as outras crianças. Porém, percebi que ele gostava muito de livros e de contos. Mas dançar e ouvir música não. Então, questionamentos de como brincar e dançar com ele vieram à tona. Aos poucos, ele “se abriu” e também menos medo tive de me aproximar. Percebi que ele amava a natureza. Quando tínhamos o contato com ela, ele era instigado a dançar: dançávamos deitados na grama, rolando, improvisando, se conectando com a natureza. Mas isso não era o suficiente. Como será a vivência escolar dele? Percebo que não há investimento para contratar profissionais capacitados para o ensino especial e que o direito dele de se expressar, brincar, participar e explorar são ignorados, pois a professora não consegue de fato seguir com a inclusão que tanto é citada, tendo em vista que são crianças que fazem parte da nossa sociedade. Sobre a inclusão das crianças com necessidades especiais, o Currículo em Movimento do DF debate:

A inclusão das crianças com necessidades específicas carece de interações, acolhida e escuta sensível, atenta e com intencionalidade educativa. Isso depende de profissionais da educação comprometidos em entender as necessidades e interesses infantis, suas formas de expressão e

seu direito de se desenvolver e conhecer o mundo nas relações com outros sujeitos, com e sem necessidades específicas (Distrito Federal, 2018, p. 49).

Acredito que toda criança tem a necessidade de se expressar, independente das suas condições físicas e mentais. Portanto, a dança pode ajudar na expressividade dos alunos que queiram se descobrir por meio dos movimentos, conhecendo o seu corpo, suas relações com o espaço e sua interação com outros corpos.

Então, para incluir a dança na vida desse aluno que citei, seria necessário que a professora entendesse a fundo a sua deficiência para que seja compreendida a sua capacidade física e mental e também para entender os seus interesses pela dança. Nesse caso específico, existia uma conexão com a natureza. Portanto, observando-o, diria que para motivá-lo, seriam feitas atividades fora da sala, em um ambiente que envolvesse a natureza, sem músicas, mas com os sons naturais que iriam surgindo e aos poucos incluindo movimentos seguros que instigassem o aluno a se conhecer e se desafiar, respeitando os seus limites. Caso contrário, buscar mais informações com os pais do aluno e juntos desenvolveríamos etapas para a inclusão da dança na vida dessa criança.

### **3.5 Minha relação com as crianças e a dança**

Ainda que esse relato seja sobre a minha observação dentro da CEPI, a professora da turma me fez o convite para ser o mediador da próxima aula. Portanto, solicitei a minha supervisora do estágio a ajuda para a criação de uma sequência pedagógica. Embora o foco desse trabalho não seja criar uma metodologia e sim observar como o estudo do movimento/dança é inserido na educação infantil, vejo a necessidade de compartilhar as minhas escritas sobre a experiência de como foi a realização das duas aulas na creche.

Vale ressaltar, que por motivos éticos e morais, não foram permitidos pela direção registros de imagem dentro da creche, tampouco das crianças que ali se encontravam.

Para saber se a turma gostaria de trabalhar a dança, primeiramente apresentei a parlenda “quem quiser dançar vai na casa de sicrano” (sicrano seria o nome da criança que estava na roda e que queria dançar). Por meio dessa proposta

de jogo dançado, identifiquei se a turma entendia os comandos de pular, rodar e agachar. Para a minha surpresa, todos executavam o que era proposto. Identifiquei que a interação da turma entre si era excelente. Eram criativos ao pular: de um pé só, com os dois pés, pulando de qualquer jeito e caindo no chão, pulando muito alto ou baixo, de várias formas, cada um com o seu jeito. A partir dessa primeira atividade (com a supervisão da professora), fiz meu diagnóstico, com a observação de que já entendiam muitos comandos. Então me veio a pergunta: o que posso extrair a partir dessa atividade? Vale ressaltar que a minha própria pesquisa da inclusão da dança na educação infantil, assim como os estudos de Rudolf Laban, junto com a BNCC e o Currículo em Movimento do Distrito Federal foram os meus guias pedagógicos para criar a sequência de aula.

Com a autorização da professora, pude mediar mais duas aulas, com a duração de três horas. Então, fiz a sequência pedagógica da seguinte forma:

*Primeira aula:*

- **Objetivos Gerais:** com o corpo trabalhar vários movimentos com e sem intencionalidade, entendendo a função do seu corpo e a dança como um lugar de investigação, expressão e de brincar. Com a ajuda da música, aumentar a dificuldade dos movimentos para que possam identificar os limites do seu corpo e a consciência corporal.
- **Procedimentos metodológicos:** caminhar pelo espaço de várias formas, dançar em vários lugares da creche, cantar a música “quem quiser dançar vai na casa de sicrano” e aos poucos introduzindo movimentos novos. Possibilidade de trabalhar com poucos sons ou com a natureza.
- **Avaliação da Aprendizagem:** observar a participação dos alunos, a coordenação motora e o reflexo dos movimentos.
- **Recursos:** sala, pátio, natureza, caixa de som.

*Segunda aula:*

- **Objetivos Gerais:** com o corpo trabalhar vários movimentos com intencionalidade, imitando um animal (especificamente a cobra), entendendo

a função do seu corpo e a dança como um lugar de investigação, expressão e de brincar. Com ajuda de um giz de lousa, demarcar com linhas o caminho a se seguir, aumentando a dificuldade dos movimentos, para que possam identificar os limites do seu corpo e a consciência corporal.

- **Procedimentos metodológicos:** confeccionar uma meia resignificando e transformando-a em uma cobra, utilizando-a nos braços. Rastejar e caminhar pelo espaço de várias formas, de vários ritmos e níveis. Possibilidade de trabalhar com poucos sons e com a natureza, imitando o barulho que a cobra faz.
- **Avaliação da Aprendizagem:** observar a participação dos alunos, a coordenação motora e o reflexo dos movimentos.
- **Recursos:** a natureza. Meias e cola quente. Giz de quadro

Observando as crianças, identifiquei que a turma tinha certa dificuldade de executar alguns comandos. A forma que cada um criou a sua cobra e se interagiu com ela foi interessante, pois alguns alunos tinham medo ou certa desconfiança da sua própria cobra. Vale ressaltar que eles achavam sempre uma maneira e possibilidades de concluir o desafio. A interação entre eles muitas vezes era da imitação. Copiar o que o outro está fazendo, ajudava a conhecer o próprio corpo e o do outro, identificando as suas diferenças e semelhanças. Alguns até ajudavam o outro a fazer tal movimento.

Durante as duas aulas, os alunos tiveram tempo o bastante para realizar as atividades propostas, porém se eu tivesse mais tempo, não faria essa sequência pedagógica em dois dias e sim em duas semanas, pelo motivo de que observei dificuldades em atender alguns comandos e pelo fato de a turma ser muito grande, tive que dividir em grupos, então não pude observar nem avaliar com efetividade o processo de aprendizagem de todos os grupos.

Com a ajuda das monitoras, identificamos que a maioria dos alunos, com exceção de um aluno (esse autista), conseguiram realizar os movimentos propostos por mim. Durante a atividade, algumas crianças me pediam para repetir o movimento e explicar a atividade da cobra. Alguns alunos “fizeram de conta” que a meia se transformou em cobra, porém outros faziam questão de lembrar que aquele objeto não era uma cobra e sim uma meia.

Porém, durante as duas aulas, todos demonstravam felizes e interessados em serem conduzidos por mim e também felizes em se interagir com os outros.

Ler e entender a BNCC e o Currículo em Movimento do DF, me ajudaram a saber que existem documentos que vão me auxiliar na educação infantil, durante toda a minha vivência dentro da escola. Em minha opinião, além de entender que a base de uma educação transformadora é brincar e cuidar dessas crianças, levo esses documentos como uma formação cotidiana para o professor, pois cada vez que leio é uma aprendizagem que absorvo.

Observando-me e trazendo essas experiências a matéria de estágio I, identifiquei pontos que preciso melhorar, por exemplo: na construção do meu plano de aula e da minha sequência pedagógica. Deparei-me “conteudista” e esqueci-me de perguntar às crianças o que elas queriam dançar. Então, deixo essa reflexão de entender que a sequência pedagógica não acontece do professor para eles e sim deles para o professor.

Sinto que a arte dentro da educação infantil é promissora, porque ela quebra totalmente aquela educação do copia e cola. E como fazer isso acontecer? Trazendo o drama nas histórias contadas como ferramenta pedagógica para que os alunos possam ampliar a linguagem teatral, possibilitando conhecer várias formas de falar, agir e se expressar artisticamente. Conhecer mais o mundo dessas crianças aproveitando o “faz de conta” como o principal acesso a esse mundo.

O que mais incomodou como arte educador foi o descaso com a inclusão das crianças com deficiências na creche. Acredito que é um aspecto a se considerar na educação infantil, promovendo a igualdade e a diversidade humana e o respeito às diferenças. Se houver uma atenção com qualidade e sem ignorar a nossa realidade, essas crianças terão a devida atenção e serão reconhecidas como uma peça importante da nossa sociedade, e assim teremos mais um passo grandioso em nossa educação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Permito-me dizer que, por conta das minhas experiências com a dança, hoje entendo que elas nunca foram um passatempo. Cada espetáculo apresentado, ensaio cansativo e viagem com o Corpo de Baile desenvolveu em mim a curiosidade de aprofundar mais sobre a linguagem da dança dentro do contexto educacional infantil. Essas experiências foram essenciais para que esse trabalho se desenvolvesse ao longo desse período pandêmico por COVID-19, pois a dança nunca deixou de ser presente, mesmo nessa fase catastrófica vivida pelo mundo de 2020 até os dias atuais.

O recorte desse trabalho partiu dos meus interesses de saber se havia projetos de dança em escolas públicas do Distrito Federal e, para a minha surpresa, encontrei o citado projeto da professora Rafaela Eleutério, ministrado na Escola Parque Anísio Teixeira – Ceilândia. Projeto esse que me marcou pelos depoimentos de alunos sobre as suas perspectivas com a dança e as relações com o seu corpo e com o outro naquele espaço escolar. Ao mesmo tempo, as atividades se mostraram como momentos de refúgio dos alunos em relação a problemas pessoais vividos dentro e fora do ambiente escolar.

A experiência citada evidenciou a importância social e cultural que tem o espaço público na vida dos alunos, apesar de muitas vezes ser duvidado e tão pouco reconhecido como um ambiente eficaz. Reforço que, dentro do ensino público, existem locais que potencializam projetos de dança que emergem vivências e transformações sociais. Ressalto a importância que Anísio Teixeira tem para o ensino público, pois almejou uma escola que proporcionasse experiências práticas como as do projeto de Rafaela, partindo da vontade do aluno direcionar sua própria caminhada escolar, isso é, valorizando a exploração do seu espaço.

Dentro do universo da educação, aqui é destacado o ensino infantil. Por isso, precisei me aproximar do Currículo em Movimento do Distrito Federal, assim como da Base Nacional Comum Curricular. Esses são documentos oficiais disponibilizados, com fácil acesso, para pais, professores e profissionais da educação e trazem conceitos, dicas, apontamentos, e estudos sobre o ensino infantil. Além de ressaltarem as competências do ensino básico que vão garantir os direitos de aprendizagem, é evidente que esses documentos podem possibilitar caminhos que me ajudarão quando professor, na construção do meu plano de aula.

Na Educação Infantil, a dança é trazida por esses documentos apenas como uma proposta de ensino, no entanto, é importante entender que o estudo do movimento tem seus próprios fundamentos e questionamentos. Por isso, é essencial que ele seja visto não somente como um componente educacional, mas que seja garantido como um direito imprescindível que a criança possui para aprender a se expressar com o seu próprio corpo, respeitando seus limites e adquirindo habilidades de movimentos. Reforço que a dança deveria ser inserida oficialmente no contexto pré-escolar, da forma mais brincada e, ao mesmo tempo, intencional no dia a dia das crianças, algo que poderia ser acrescentado aos documentos em questão.

Retorno, com isso, ao pensamento de querer saber por que é importante ensinar dança para as crianças. É a partir dessa pergunta que faço meus pensamentos se conectarem com os estudos que Rudolf Laban propõe. Dentro do estudo do movimento, ele apresenta categorias importantes para compreender os elementos básicos da dança. Essa categorização é a forma que ele encontrou de organizar esses componentes: corpo, espaço, peso, tempo e relacionamento.

Para mim, é de suma importância entender tais elementos básicos da dança, pois a partir desse estudo, viabiliza-se organizar um plano de aula de dança que desenvolva práticas por meio de jogos e interesses das crianças, para que possam desenvolver movimentos, explorar novas danças, culturas e observar o outro e o ambiente.

A vontade de me aproximar da dança e da criança dentro do contexto educacional foi tão convidativa que encontrei, ao longo dessa escrita, a oportunidade de estagiar dentro de uma creche. As próximas palavras me aproximam das observações que contemplam a vivência percorrida dentro dessa creche.

Primeiramente quero destacar que a energia positiva do ambiente e a relação amigável dos profissionais foram de suma importância para que eu continuasse a reger a vontade de estudar a relação da dança e a criança. Estar nessa posição de observador, contribuiu ao meu currículo participar de reuniões pedagógicas e entender o dia a dia escolar. Com os olhos bem atentos e os ouvidos bem acionados, identifiquei vários problemas dentro do contexto da dança, que podem ser solucionados a longo prazo.

Não havia nenhum desejo por parte da professora trabalhar pelo viés do estudo do movimento, a não ser quando era solicitada pela coordenação pedagógica

uma apresentação sobre o tema trabalhado daquela semana. Não eram desenvolvidas atividades que praticassem a interação do eu e a natureza, somente quando o calor era sufocante, as aulas eram transferidas para o campo verde da creche. Todas as apresentações que envolveram a dança foram direcionadas às reuniões de pais e mestres ou como lazer.

Também observei que a criança sempre está disposta a brincar e se expressar, então durante a convivência com essas crianças me vi aprendendo muitas brincadeiras e conhecendo espaços diferentes com potenciais de trabalhar os movimentos do corpo.

Por último, quero destacar que depois dessa experiência do estágio, a minha vontade de ser um pedagogo potencializou de tal maneira que me peguei diversas vezes sorrindo e feliz. Durante todo esse estudo, foi evidenciada a importância de que a criança precisa ser a protagonista do seu fazer artístico, seja a dança ou outro, porém a convivência com elas me fez refletir sobre as minhas ações e postura como educador. Que tipo de professor eu quero ser? E o que eu posso fazer para ajudar as crianças a serem protagonistas de sua própria história? Confesso que ainda não é nesse trabalho que encontro respostas para esses questionamentos, mas posso afirmar que houve mudanças na forma de enxergar a educação de tal maneira que até o meu relacionamento com as crianças da minha família mudou. Hoje me apego ouvinte, mas também existe ainda mais o desejo de ser aquele professor que fortalece o espaço da dança como uma potência de conhecimento e de desenvolvimento de aprendizagem.

Por fim, a inserção da dança na educação infantil, em minha opinião, por hora não se contempla, mas existe uma tímida vontade por parte das crianças de quererem dançar. É importante ressaltar que está longe de mim querer definir o que é a dança no ensino infantil, com regras e caminhos que devem ser seguidos, mas estudar e refletir a dança como proposta de ensino através das trocas, olhares, experiências, conversas, tatos, encontros, desencontros e a relação dos corpos naquele espaço. A dança, uma arte tão única com seus desdobramentos e seus conceitos, pode estar presente em qualquer ação pedagógica de um educador que tem coragem de mergulhar nesse fazer artístico de movimentos corporais.

Diante de todas as considerações acima, é possível afirmar que o estudo do movimento, quando direcionado a um projeto pedagógico, e incluindo a criança como protagonista, em todas suas faces e realidades, alcança benefícios físicos,

psicomotores, sociais e culturais, permitindo aos alunos a percepção de si, do outro e do mundo. Como perspectivas futuras, acredito na possibilidade de ampliação desse trabalho com o desenvolvimento e aplicação de novas sequências pedagógicas à educação infantil, a fim de abrir e propor novos caminhos para o movimento dentro do espaço escolar infantil.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carolina Romano; GODOY, Kathya Maria Ayres. **Dança com Crianças: Propostas, Ensino e Possibilidades**. Curitiba: Appris, 2018.

ANDRADE E SILVA, Dulcilene Anjos de. Educação e Ludicidade: um Diálogo com a Pedagogia Waldorf. **Educ. rev.** 0 (56) • Apr-Jun, 2015.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. **Estud. Av.** 3 (7) • Dez, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAFÉ, Ângela Barcellos. **Pensando a Educação no Mundo e na Escola**. Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

CONE, Theresa Purcell; CONE, Stephen, L. **Ensinando Dança para Crianças**. Barueri: Manole, 2015.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do DF. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Ensino Fundamental Anos Iniciais**. Brasília, 2018.

ELEUTERIO, Holanda Rafaela. **Dança-Sujeito-Encontro: Experiências em Dança-Educação na Escola Parque Anísio Teixeira Ceilândia/DF**. 2018. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

ENCONTRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO-OESTE, 3. 2015, Catalão. **Anais [...]**. Catalão: III EHECO, 2015.

KUGELGEN, Helmut Von. **A Educação Waldorf: Aspectos da Prática Pedagógica**. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 1989.

LABAN, Rudolf. **Dança Educativa Moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LEITE, Edna Xenofonte; FREIRE, Arlane Markele; CARVALHO, Rita de Oliveira. Duas faces do mesmo lado: educação infantil e o desenvolvimento integral da criança, uma reflexão a partir de Paulo Freire. **Ensino em Perspectivas**, 2(3), 2021.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e Aprendizagem em Piaget e Vigotsky**. São Paulo: Summus, 2001.

PEREIRA, Eva Waisros; COUTINHO, Laura Maria; RODRIGUES, Maria Alexandra Militão. **Anísio Teixeira e seu Legado à Educação do Distrito Federal: História e Memória**. Brasília: EDU-UnB, 2018.

SLADE, Peter. **O Jogo Dramático Infantil**. São Paulo: Summus, 1978.

SOUZA, Edilson de. Um plano educacional para um novo tempo: Anísio Teixeira e as escolas classe/escola parque de Brasília. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 3, n. 2, p. 39-52, 2016.